

articulações urbanas

intervenção de micro escala
nos bairros Martins e Osvaldo Rezende

giovanna lima e lima
orientadora patricia pimenta azevedo ribeiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Faculdade de Arquitetura Urbanismo e Design - FAUeD

- TCC -

Uberlândia,
julho de 2019

à

família, amor, orientadora, amigos, colegas e todos aqueles que fizeram parte da minha história na faculdade de arquitetura. Dedico também aos que tornaram possível a experiência de estudar numa universidade pública, gratuita, livre e de qualidade.

1

o início pg. 9

- 1.1 apresentação
- 1.2 objetivos
- 1.3 metodologia

2

o território pg. 19

- 2.1 localização
- 2.2 breve histórico
- 2.3 análises morfológicas e ambientais
- 2.4 perfil população

3

os lugares pg. 51

- 3.1 justificativa

o conceito

pg. 57

- espaço público e direito à cidade 5.1
- intervenção urbana de micro escala 5.2
- urbanidade e caminhabilidade 5.3

4

as inspirações

pg. 67

- playgrounds de aldo van eyck 5.1
- hutong chinês mdrdv 5.2
- um edifício em explosão 5.3

5

as intervenções

pg. 81

- intervenção urbana 6.1
- projetos pulverizados 6.2

6

o início



“ a casa não termina
na soleira da porta”

Villanova Artigas

APRESENTAÇÃO

A proposta de intervenção do presente trabalho parte do território que engloba os bairros vizinhos Martins e Osvaldo Rezende, localizados no Setor Central da cidade de Uberlândia. A motivação para escolha da área foi, primeiramente, pela sua localização centralizada em relação à cidade, bem como sua importância histórica.

A experiência de morar 20 anos no bairro Osvaldo Rezende contribuíram para a construção de uma forte memória afetiva desse local, aqui incluindo também o Martins, bairros em que cresci, estudei e, posteriormente tive a chance de entendê-los com o olhar de estudante de arquitetura e urbanismo. Desde nova, me despertavam curiosidade por suas características, com grandes galpões, as casas "gêmeas", a dinâmica intensa de comércio e pessoas. Hoje, depois de 6 anos cursando Arquitetura e Urbanismo, consigo definir com mais clareza as peculiaridades desse espaço tão vasto de diversidade espacial e social que lhes atribuem valor e a necessidade desse estudo.

Numa área de 4 km² convivem uma enorme diversidade de usos, desde serviços automotivos à clínicas médicas, de edifícios de alto padrão com mais de 15 pavimentos à colônias de casas térreas. Porém, nesse caso, essa diversidade vem acompanhada de uma visível desigualdade social, onde coexistem moradores com perfis econômicos e sociais totalmente opostos.

Uma retrospectiva histórica ajuda a compreender como os bairros foram constituídos e configurados. No final do século XIX, a inclusão da região do Triângulo Mineiro no eixo ferroviário da Cia. Mogiana no final do século XIX, que ligava o estado de São Paulo ao interior do Brasil, gerou, segundo Paiva (2015, apud Reis Filho, 2010) um conjunto de núcleos urbanos articulados pelas redes de transportes e comunicação. Uberlândia, inserida nesse eixo pela sua localização estratégica, apresentou um grande desenvolvimento econômico e conseqüentemente, a expansão da malha urbana.

◀ FIGURA 1: Ruína na Avenida Vasconcelos Costa
(Fonte: Autora)

Com o início da industrialização na cidade a partir da primeira década do século XX e com o intuito de possibilitar essas novas atividades, foram necessárias transformações estruturais (abertura de novas vias, relocação de equipamentos públicos, implantação de novos bairros) no espaço urbano. Num cenário de acentuado inchaço urbano e, conseqüentemente, crescimento do déficit habitacional, foram implantadas as vilas operárias nas periferias da cidade como resposta às novas demandas industriais.

Com o planejamento urbano das vilas voltado para suprir a demanda habitacional e ao mesmo tempo possibilitar o livre tráfego de automóveis, o principal espaço livre, a rua, adquire então uma dupla função: tanto de deslocamento como de convivência, intensificada pela carência por espaços de lazer qualificados.

O fato é que, com a expansão da cidade, essas vilas foram adquirindo outros usos, a medida que as atividades fabris se deslocavam para os setores industriais, gerando novas dinâmicas que sobrecarregam o uso da rua. Para além do caráter habitacional, esses locais que, nos primórdios eram tratados como periferia, tornaram-se áreas centralizadas em relação às atuais proporções da cidade e conseqüentemente, valorizadas por sua localização, sofreram modificações tipológicas e funcionais.

Paralelamente, o crescente uso dos veículos automotores individuais priorizou a rua como um eixo trafegável, inibindo a utilização da mesma como espaço de práticas sociais dessas comunidades. Como acontece com os bairros Martins e Osvaldo Rezende, objetos dessa pesquisa e oriundos de vilas operárias.

Partindo desse lugar rico em diversidade, o presente trabalho busca reafirmar a rua como o espaço do encontro, bem como possibilitar que as práticas sociais à nível da vizinhança se fortaleçam através da arquitetura e do urbanismo. Considerando a importância histórica de ambos os bairros na cidade de Uberlândia, pela sua herança operária, bem como do desenvolvimento do planejamento urbano face às demandas mercadológicas, as análises urbanas se fazem necessárias para entender como se deu a implantação das antigas vilas e como as suas características influenciaram na espacialidade atual. Dentre isso, analisar como o traçado urbano, seus limites formais e atuais usos refletem sua história ou degradam seu presente.

Para entendimento das características e problemáticas gerais dos dois bairros fez-se inicialmente análises históricas, morfológicas e sociais contemplando toda a área, a fim de encontrar locais de interesse para uma análise mais focada e, posteriormente, o desenvolvimento do projeto. Essas análises foram fundamentais para certificação de impressões que foram acumuladas ao longo da vivência nos bairros, para entendimento das causas e dos efeitos da distribuição desigual de equipamentos ao longo do território, e de como o projeto poderá suprir as necessidades da população.

O projeto para a área escolhida demanda pontos de vistas culturais e políticos que conectem o futuro com o passado, a partir de uma estratégia de desenvolvimento. Nesse sentido, serão apontadas diretrizes gerais para ambos os bairros de modo a estimular práticas sociais a nível de vizinhança, preservar a paisagem cultural, melhorar a qualidade ambiental e contribuir com o desenvolvimento social, cultural e econômico da população.

OBJETIVOS

GERAL

Analisar os bairros Martins e Osvaldo Rezende, resultantes de vilas operárias, com o intuito de, através da arquitetura e do urbanismo, incentivar o convívio da população e fomentar a cultura e o lazer.

ESPECÍFICOS

- Atender a demanda por espaços livres qualificados;
- Atender diferentes públicos e faixas etárias, promovendo o convívio entre diferentes grupos sociais existentes;
- Implantar os equipamentos de maneira pulverizada pelo território, facilitando o seu acesso para o maior número de moradores possível;
- Qualificar espaços existentes que tenham potencial de uso;
- Projetar ambientes que tenham um conceito forte que os amarrem e possam ser identificados como um conjunto.

METODOLOGIA

O desenvolvimento do presente trabalho iniciou-se pela escolha do lugar para a partir de então desenvolver as análises que resultaram no diagnóstico das problemáticas e potencialidades em que os projetos urbano / arquitetônico se apoiam. Como pontapé inicial desta investigação houve a memória afetiva, que me estimulou a fazer proposições sobre o lugar onde cresci, e a bagagem teórica acadêmica que me fizeram enxergar o valor histórico, social e urbano dos bairros Martins e Osvaldo Rezende.

Com o propósito de ter uma dimensão geral do lugar, foram necessárias análises dos dois bairros em sua totalidade, organizadas principalmente, por meio de mapas gráficos. Por ser uma área extensa e com questões diversas a serem abordadas, a análise foi direcionada à entender como e porquê essas variáveis sociais e econômicas acontecem.

Para isso as análises escolhidas contemplam a dimensão de co-presença:

A dimensão da co presença investiga as relações entre configurações espaciais e sistemas de interação entre as pessoas.

Procura relacionar a forma do espaço arquitetônico às maneiras de organização grupal, realizando leituras específicas, tanto dos espaços quanto da sociedade. Trabalha com 3 níveis analíticos: os padrões espaciais, a vida espacial e a vida social, apoiando-se em níveis tanto morfológicos quanto não morfológicos. (FONSECA, M. L. P. Tópicos especiais de arquitetura e urbanismo: Teorias de análise da forma urbana. Uberlândia: UFU, s/data. p.47 Apostila)

O estudo de uma estrutura urbana só pode ser concebido em sua dimensão histórica, pois sua realidade fundamenta-se no tempo por uma sucessão de reações e de crescimento a partir de um estado maior. (PANERAI, 2006)

As pesquisas se iniciaram com a análise histórica, com o intuito de entender de que modo se deu a constituição da área e como o seu desenho influenciou na dinâmica atual. Além disso, essa análise é fundamental para conhecer os atores urbanos bem como seus interesses na construção da cidade, as intenções que o desenho proposto carrega e como este influencia no desenvolvimento social.

Posteriormente à análise histórica foram feitas análises morfológicas mais gerais de ambos os bairros. A priori, foi feita a pesquisa dos aspectos funcionais do local, focado no ponto de vista relacional, atrelada à hierarquia viária e à topografia.

Trabalhou-se com mapa de manchas para estudar os diferentes tipos usos e como eles se relacionam, bem como, se existem incompatibilidades. Utilizando conceitos do autor Kevin Lynch sobre limites, foram feitas análises focadas nos limites formais dos bairros, como eles se relacionam com seu entorno.

Por fim, buscou-se entender o perfil socioeconômico da população, a fim de conhecer os grupos sociais que habitam o lugar, confirmar alguns pré-conceitos sobre o perfil econômico existentes, e como isso de reflete na maneira como eles interagem com o espaço.

Com o intuito de reconhecer alguns padrões socioespaciais, foram feitos percursos em deriva pelos bairros, em diferentes dias, horários e formas de locomoção, com intuito de reconhecer diferentes práticas e atores sociais possível. Compilando as informações obtidas até então e associando-as à metodologia da deriva, do teórico situacionista Guy Debord, obteve-se as conclusões necessárias para o embasamento da proposta projetual.

Por fim, base para a defesa do projeto foi utilizado o conceito de função social da terra, presente na Constituição Federal de 1988, e para seu desenvolvimento foram estudados conceitos de espaço público, direito à cidade, urbanidade, caminhabilidade, e intervenção urbana de micro escala - conceito este utilizado no título deste trabalho. Os estudos de caso também foram fundamentais para a concepção do projeto, com soluções afins à presente intervenção.

► FIGURA 2: Muro do cemitério São Pedro no bairro Osvaldo Rezende (Fonte: Autora)

A hipótese de tomar a vida cotidiana como instância em que a arquitetura se realiza, para nela instalar o estranhamento, mesmo que jamais levada a termo pelos situacionistas, é o que, a meu ver, permanece como tarefa para a arquitetura contemporânea. O estranhamento possível refere-se a pensar a vida cotidiana como lugar da crítica e da intervenção, ainda que minúsculas - "uma situaçãozinha qualquer sem futuro". Para a arquitetura isso talvez signifique esquecer a grandiloquência e estabelecer com o usuário um novo diálogo, em que a finalidade da obra seja a mudança permanente dos horizontes de expectativa de quem a habita.(VELLOSO, 2002)





◀ FIGURA 3: Imagem de satélite de Uberlândia (Fonte: Google Earth, maio, 2018)

o território

2.1

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A proposta de intervenção do presente trabalho parte do território que engloba os bairros vizinhos Martins e Osvaldo Rezende, localizados no Setor Central da cidade de Uberlândia.

BREVE HISTÓRICO

O início do desenvolvimento industrial da primeira metade do século XX em Uberlândia, apoiado pela inserção estratégica do Triângulo Mineiro, possibilitou que diversas fábricas se instalassem na cidade ampliando a demanda habitacional. Como a mão-de-obra nesse momento era escassa, os empresários industriais precisaram construir habitações para alugar aos operários, de modo a possibilitar a fixação dessas pessoas na cidade, pois a maioria migraram de outras regiões. Contudo, além do interesse em manter o mínimo de qualidade de vida para garantir os rendimentos no trabalho, também havia um interesse de cunho imobiliário que fomentaram a implantação desses conjuntos habitacionais.

Foram incorporadas áreas rurais do município na construção das chamadas "vilas operárias", regiões ainda não urbanizadas chama, localizadas nos limites da zona rural que eram destinadas à construção não só das habitações para a classe trabalhadora mas também das fábricas e da estação ferroviária. De acordo com Soares (1988), os terrenos próximos à então estação ferroviária foram adquiridos pelos Osório Mendonça e Carmo Trubiano que, juntamente com Salvador Melazzo, a partir de 1925, criaram ali os primeiros loteamentos populares. Segundo Souza (2009), nesse contexto surgiram, a Vila Martins, em 1925 e Vila Osvaldo, em 1938; acompanhadas dos bairros Patrimônio, Vila Carneiro, Brasil e Santa Teresinha, formadas até 1940.

A instalação da fábrica de tecidos fez com que muitas famílias passassem a morar em suas proximidades, originando um bairro denominado Vila Operária que, em 1930, não tinha água, esgoto ou luz elétrica. Suas casas, em número de 50 aproximadamente, tinham características rudimentares e eram construídas em fileiras iguais. (SOARES, 1988, p.38)

A vila Martins, fundada em 1925, foi criada no mesmo local da chácara então denominada Pasto do Chico Cota, localizada na fazenda do Salto. A implantação da vila Osvaldo se deu no ano de 1938, às margens do córrego Cajubá, e contava com 280 unidades habitacionais. A vila Carneiro, localizada a norte da vila Osvaldo, era formada por duas avenidas e quatro ruas.

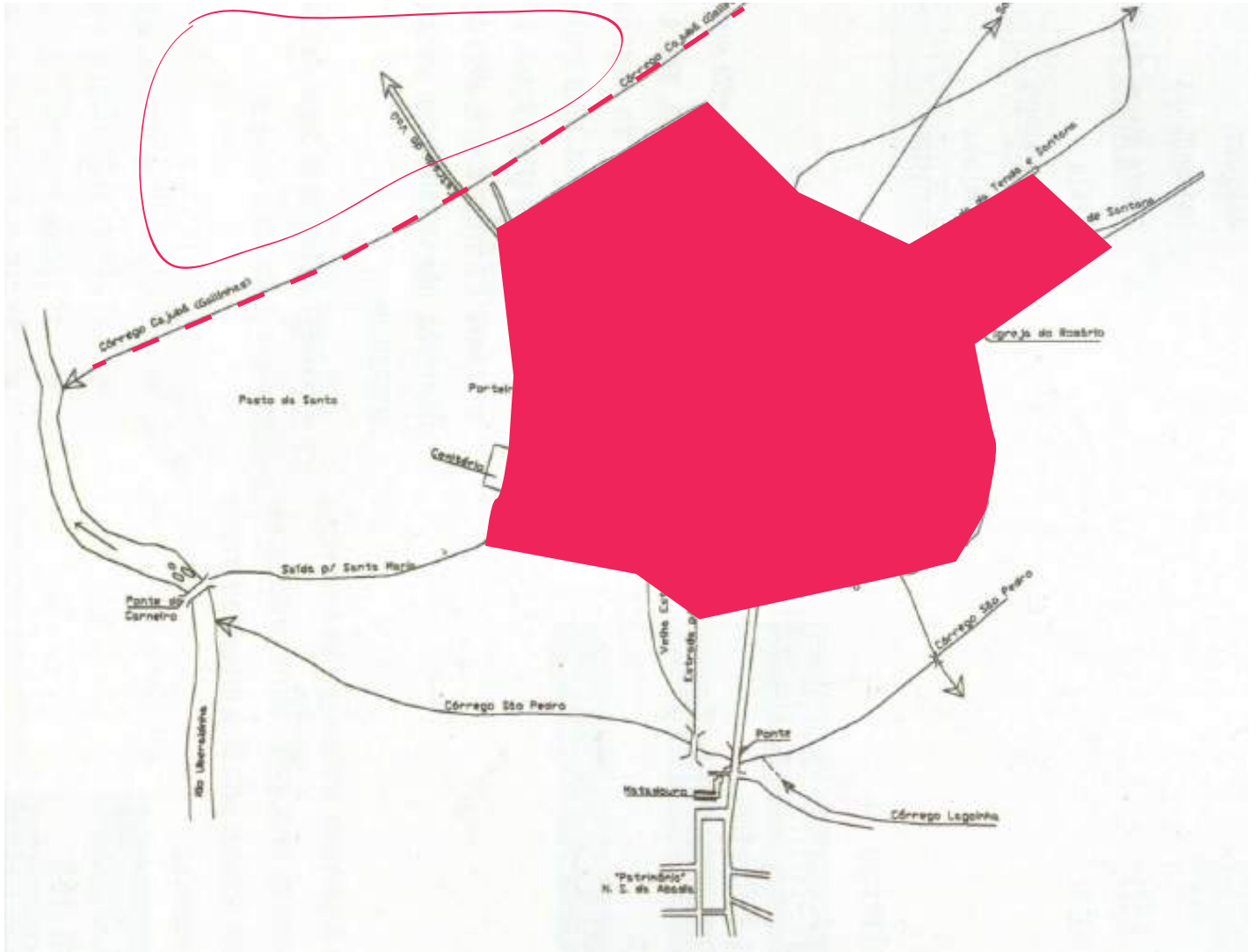
Três agentes foram fundamentais para a expansão urbana nesse momento: os empresários industriais, os proprietários de terras rurais e as empresas imobiliárias, destacando-se nesse momento a Empresa Uberlandense de Imóveis, cujo proprietário era Tubal Vilela. Esse processo de expansão se deu de maneira especulativa, desordenada e com um planejamento que não visava a qualidade de vida dos operários.

A habitação aqui entendida como forma de preservação e controle da força de trabalho. Para o operário, a casa significava morar perto do trabalho, em um abrigo, uma segurança. Para o empresário, a provisão de moradia para seus operários era uma forma de fixá-lo à empresa, uma vez que a mão de obra especializada era muito escassa, além de possibilitar o pagamento de baixos salários. Constituíam-se também em investimento imobiliário, uma vez que o capital retornava na forma de aluguel, pago pelos operários (SOARES, 1988, p.36-37)

O Poder Público, responsável pela implementação de equipamentos públicos e serviços, também auxiliava na valorização de determinadas áreas em relação a outras de acordo com a distribuição dessa infraestrutura. Soares (1988) aponta que o Estado teve um papel importante no processo de estratificação social da cidade à medida que privilegiava loteamentos destinados à classe dominante, seja por doações de terrenos melhor localizados e fornecimento de infraestrutura de qualidade, seja por isenções de impostos aos novos empreendimentos.

O mapa presente na Figura 4, ilustra a planta de São Pedro de Uberabinha em 1891, antes de se tornar a cidade de Uberlândia. O córrego Cajubá, apelidado de "das Galinhas" e atual Avenida Getúlio Vargas, era um dos limites da Vila, logo o que viria a ser construído além dessa barreira era tratado como "vila".

► FIGURA 4: Planta de São Pedro de Uberabinha, 1891 (Fonte: Prefeitura de Uberlândia)



Área correspondente aos bairros Martins e Osvaldo Resende



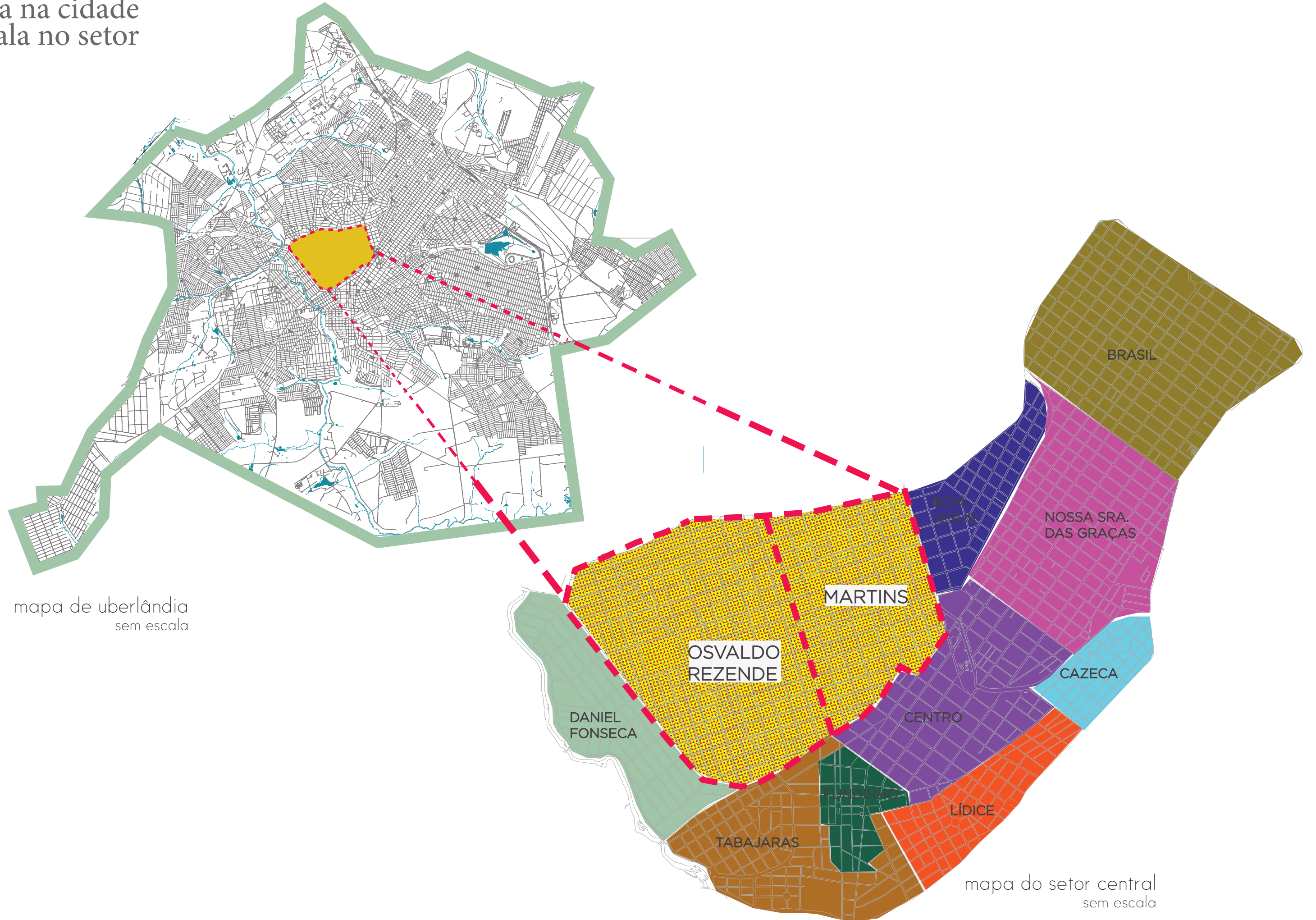
Córrego Cajubá - Atual Avenida Getúlio Vargas



Área urbanizada

MAPA 1

escala na cidade + escala no setor



mapa de uberlândia
sem escala

mapa do setor central
sem escala

vilas + histórico

1 antigo terminal rodoviário

2 local para onde de muda o terminal rodoviário

pasto de propriedade de Custodio Pereira

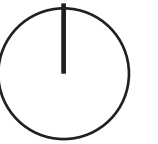
antigo campo de aviação

cemitério São Pedro (início anos 30)

local onde ocorriam corridas de cavalo improvisadas

local onde se localizava as terras de Raimundo Martins (1924) e que mais tarde viria a ser o campo de futebol do time do bairro (1942)

postos de armazenamento da FEPASA e onde se localizava o moinho de sal



1 : 10000

Piscinão ponto de encontro da população na década de 40

Antiga Santa Casa

Local para onde muda a Santa Casa

Pontes, "pinguelas" que ligavam o bairro ao centro comercial

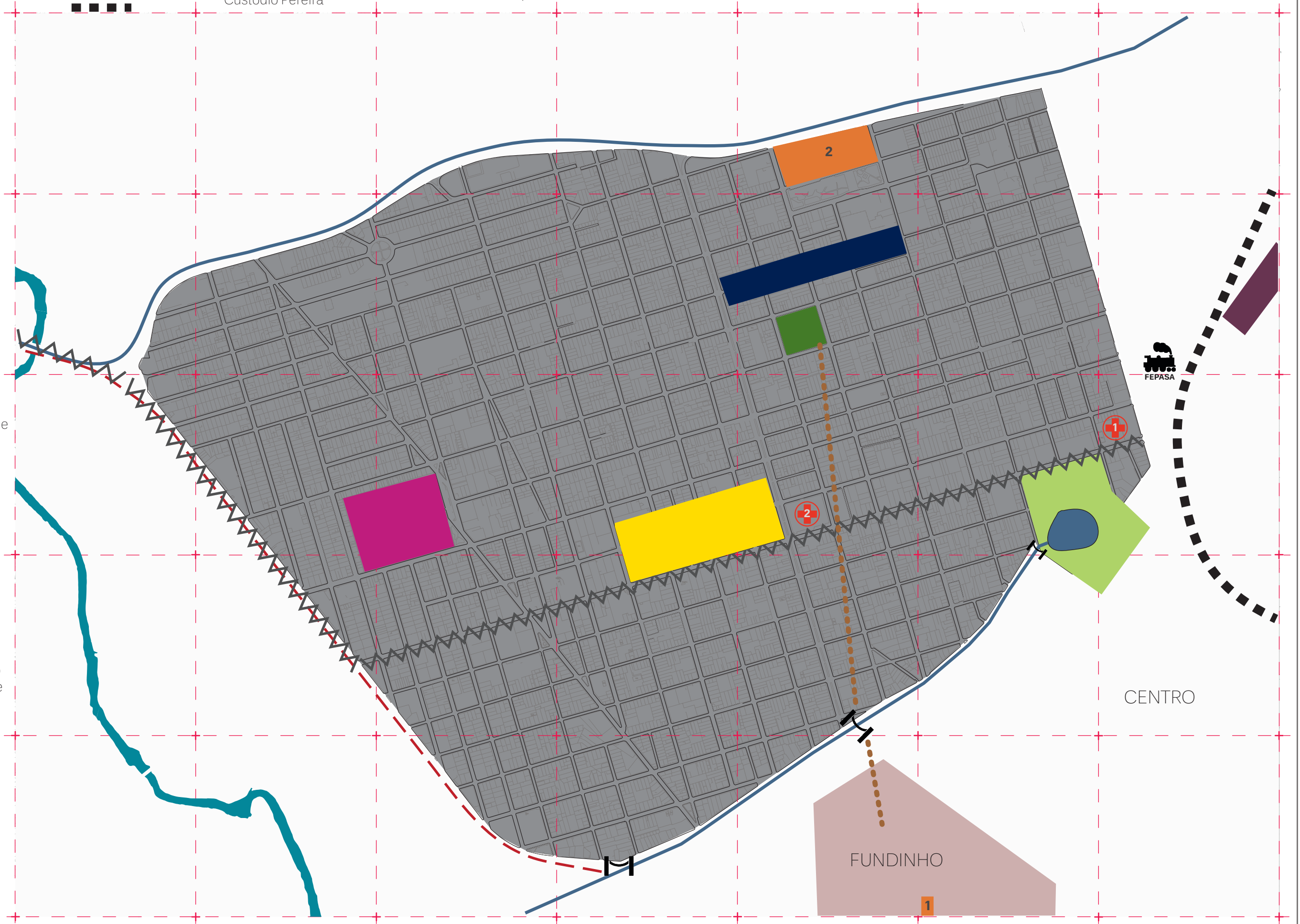
Caminho percorrido pelos que moravam próximos à sede

Córregos

Primeiro caminho interligando o bairro à principal avenida da cidade

Caminho feito de tudo que vinha do sudoeste goiâno até a cidade Avenidas Goiânia e Vasconcelos Costa

Trilhos do trem



CENTRO

FUNDINHO

1

2

2

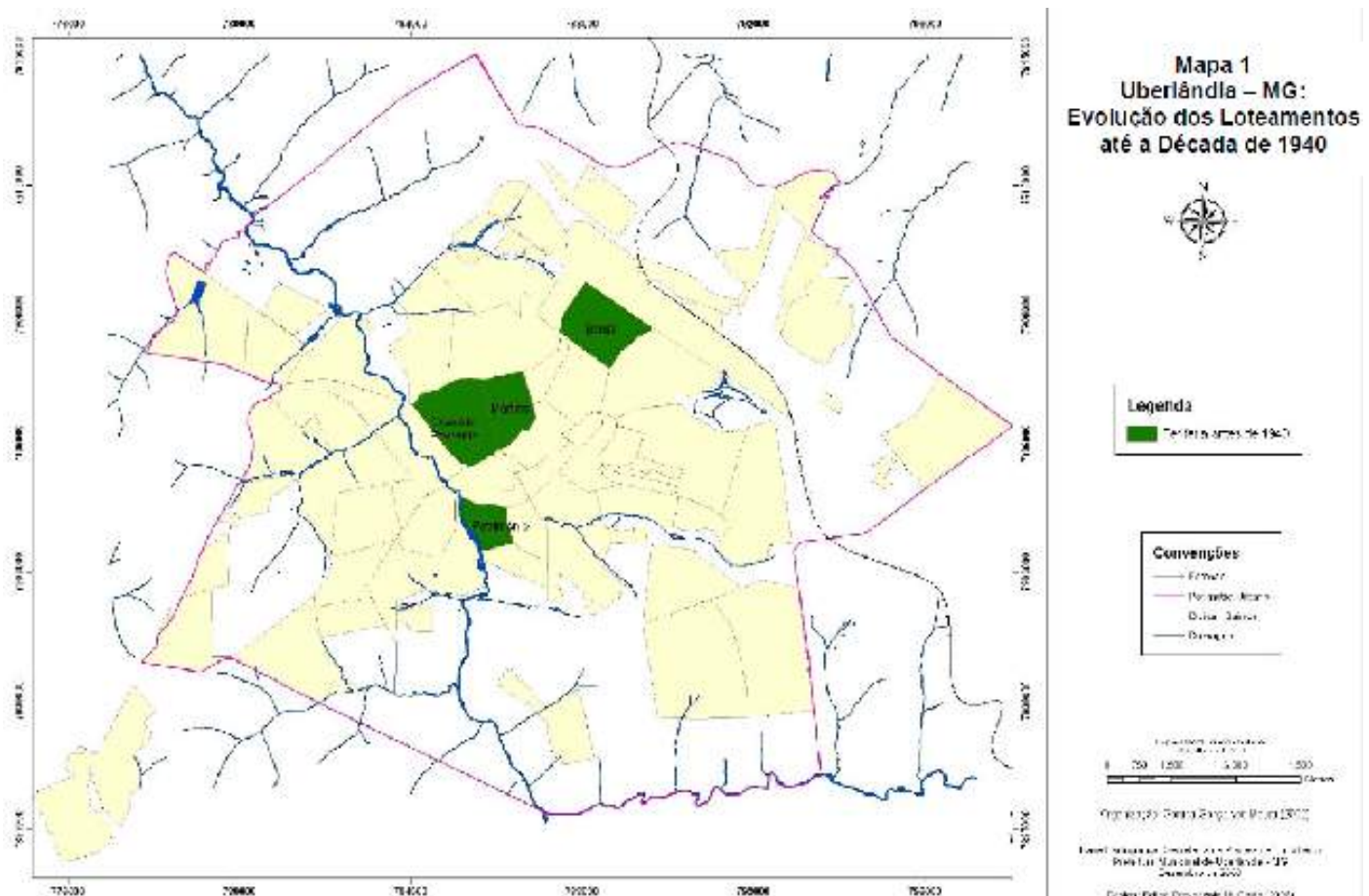
1



► FIGURA 5:
Foto da Vila
Operária,
atual bairro
Nossa Sra.
Aparecida
(Fonte: Revista
Almanaque de
Uberlândia, ed.5.



A partir da década de 1940, a cidade de Uberlândia foi experimentando um grande crescimento, mas sem um planejamento adequado, pois bairros e vilas surgiam a todo o momento, facilitando a aquisição do bem/terreno, visto que, devido à grande demanda, o preço dos terrenos não era alto. Entretanto, esses bairros e vilas eram formados atabalhoadamente, sem estudos adequados, criando bairros com terrenos irregulares e ruas estreitas que, futuramente, dificultariam a implantação de equipamentos e serviços públicos. (MOURA; SOARES, 2009, p.25)



▲ FIGURA 6: Mapa dos loteamentos até 1940
(Fonte: RIBEIRO, P. P. A. (2013)

É importante destacar também a importância da população negra na construção dos bairros Martins e Osvaldo Rezende, apontam Andrade e Fonseca (2008), que as Vilas Martins e Osvaldo se destacaram como bairros de maioria negra, trabalhadores que viviam nas redondezas da Estação Ferroviária e das fábricas localizadas nas proximidades. Houve nesse período a criação de clubes fundados por negros, como o Zanz Bar Clube, então situado na Rua Melo Viana, no Martins; e hoje há uma quantidade considerável de sedes religiosas de matriz africana e a escola de samba Garotos do Samba fundada em 1950.

A Avenida Vasconcelos Costa, datada de 1924, é fruto de acordos entre o poder público e investidores imobiliários, e se constitui como uma das mais importantes vias dos bairros, fazendo o papel de ligação entre a Estação Ferroviária (FEPASA), localizada onde hoje está a Praça Sérgio Pacheco, e a então Cia. Mineira de Auto Viação Intermunicipal, estrada que ligava Uberlândia à ponte Afonso Pena, atual cidade de Itumbiara-GO.



◀ FIGURA 7: Centro de umbanda Tenda Coração de Jesus, fundada em 1947 (Fonte: Autora)



► FIGURA 8: Construção do Terminal Rodoviário Presidente Castelo Branco
(Fonte: Revista Almanaque de Uberlândia)

À medida que essa região foi se desenvolvendo, equipamentos importantes foram construídos, como a Santa Casa - atual E.E. Doutor Duarte Pimentel, e também o Cemitério São Pedro, localizado a oeste, no bairro Osvaldo Rezende, tornando-se um fator de desvalorização da terra.

Mais tarde, com a mudança da capital brasileira para Brasília, intensificaram-se as atividades comerciais no Centro Oeste, com destaque para o Triângulo Mineiro e Uberlândia, segundo Rocha (2015, p.23 apud Guerra, 1998). Com base em um plano progressista de desenvolvimento da cidade, houve a mudança do Terminal Rodoviário do Centro, onde hoje encontra-se a Biblioteca Municipal, para uma área mais periférica próxima à rodovia, num terreno amplo localizado no limite do bairro Martins.

A inauguração ocorreu no ano de 1976, no governo do então prefeito Renato de Freitas e foi projetado pelos arquitetos Fernando Graça, Flávio Almada e Ivan Cupertino Rodrigues seguindo os preceitos modernos, tornando-se um ícone da arquitetura moderna na região.

ANÁLISES MORFOLÓGICAS E AMBIENTAIS

Os bairros Martins e Osvaldo Rezende estão localizados no Setor Central, divididos pela Avenida Raulino Cotta Pacheco e limitados pela Avenida Getúlio Vargas (sul), pela Avenida Marcos de Freitas Costa (oeste), pela BR-365 e Avenida Minervina Cândida (norte) e pela Avenida João Pessoa (leste), que são importantes eixos de transporte viário da cidade. Entretanto, por assumirem um caráter viário, priorizando o fluxo de automóveis, acabam se tornando barreiras físicas e limites visuais bem demarcados, com o agravante de serem trechos importantes na hierarquia viária da cidade.

Segundo Lynch, podem ser identificados como limites "barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região de outra, mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram." A partir de análises visuais, em visitas de campo foi possível verificar o grau de fragmentação que essas vias causam, levando em conta a continuidade / descontinuidade linear do traçado urbano, a clareza / confusão visual e a facilidade / dificuldade de transposição.

A BR-365, adjacente à Avenida Minervina Cândida, e a Avenida Getúlio Vargas estão implantadas sobre córregos canalizados: o Tabocas e o Cajubá, respectivamente; e à sudoeste, encontra-se o Rio Uberabinha. Essa configuração faz com que a região central e leste dos bairros se assente sobre um terreno mais plano e os demais limites tenham uma inclinação mais acentuada a medida que se aproximam dos leitos hídricos. Conclui-se então que grande parte do território encontra-se entre duas bacias, um agravante nos períodos chuvosos, já que esses locais tendem a alagar devido à pouca permeabilidade do solo.

MAPA 3

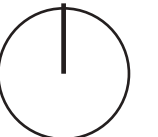
hierarquia viária + limites

- Zona de transição - ZT
- Zona Central 2 - ZC2
- Zona Residencial 2 - ZR2

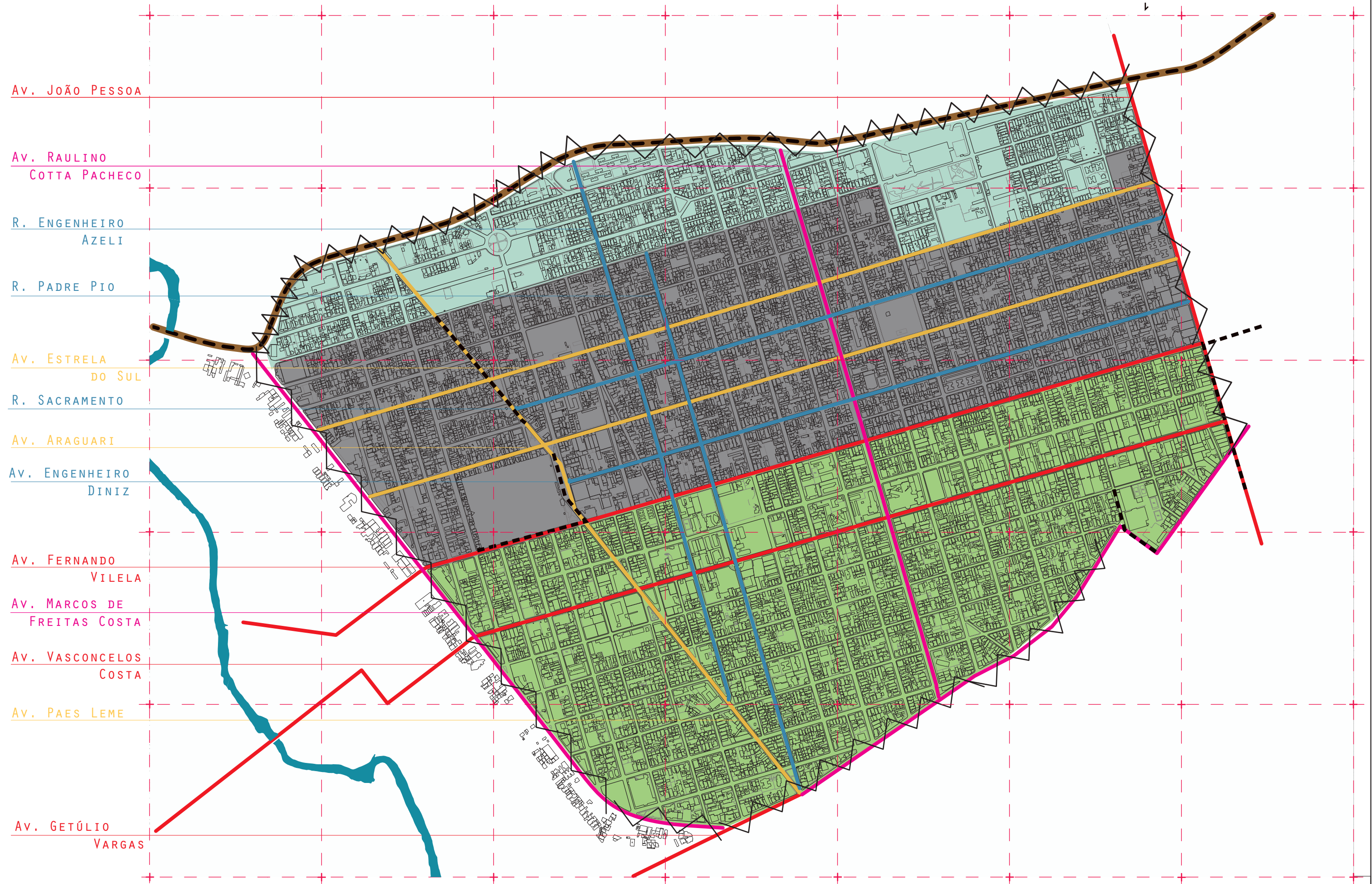
- Setor de Vias de Serviço
- Setor de Vias Estruturais
- Setor de Vias Arteriais

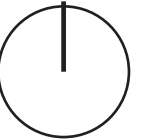
- Setor de Vias Coletoras
- Setor de Vias Especiais

- fronteiras
- limites
- grau de fragmentação

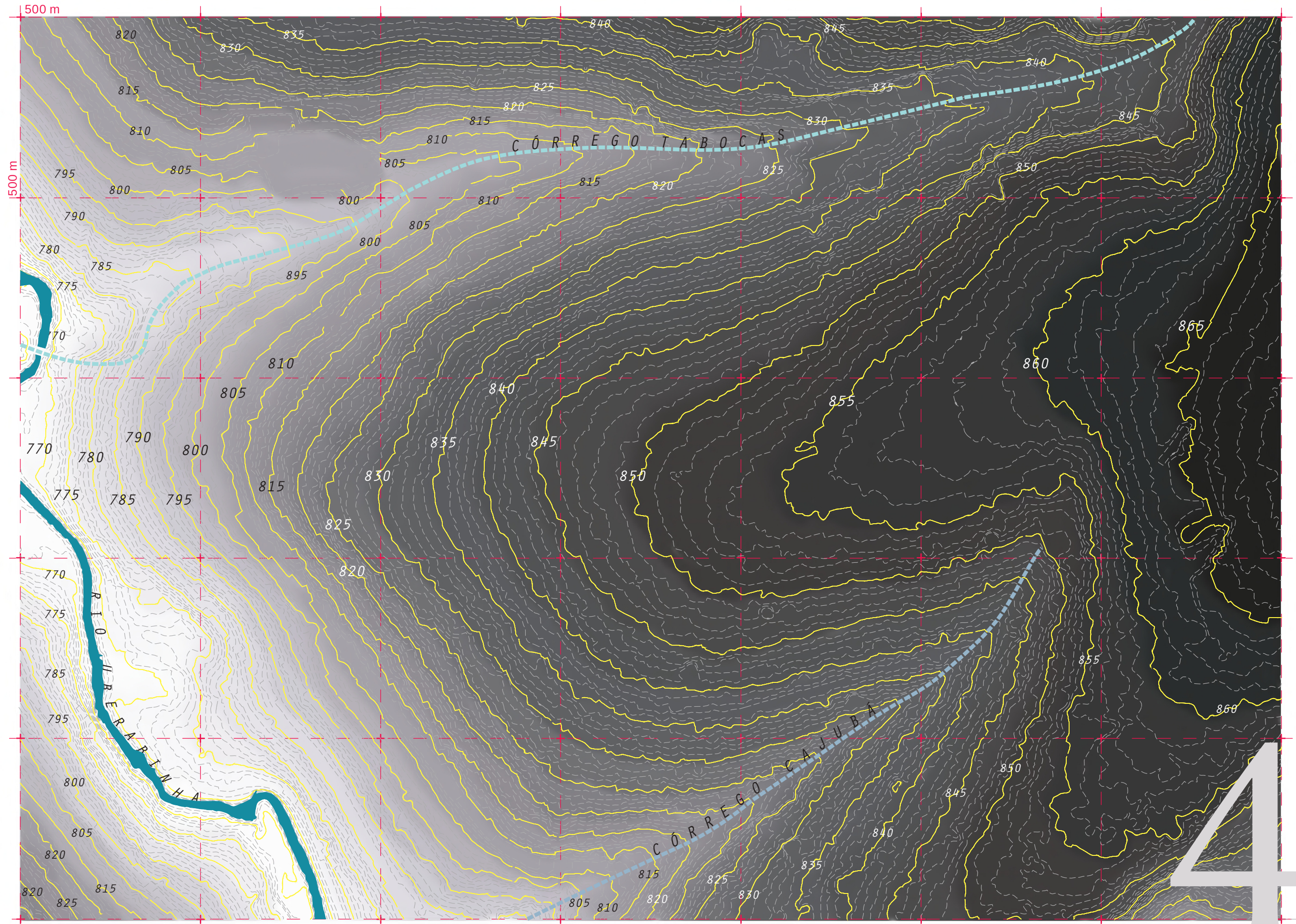


1:10000





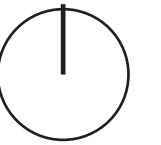
1:10000



usos + equipamentos

residencial uso misto lotes vagos praças principais equipamentos (públicos e privados)

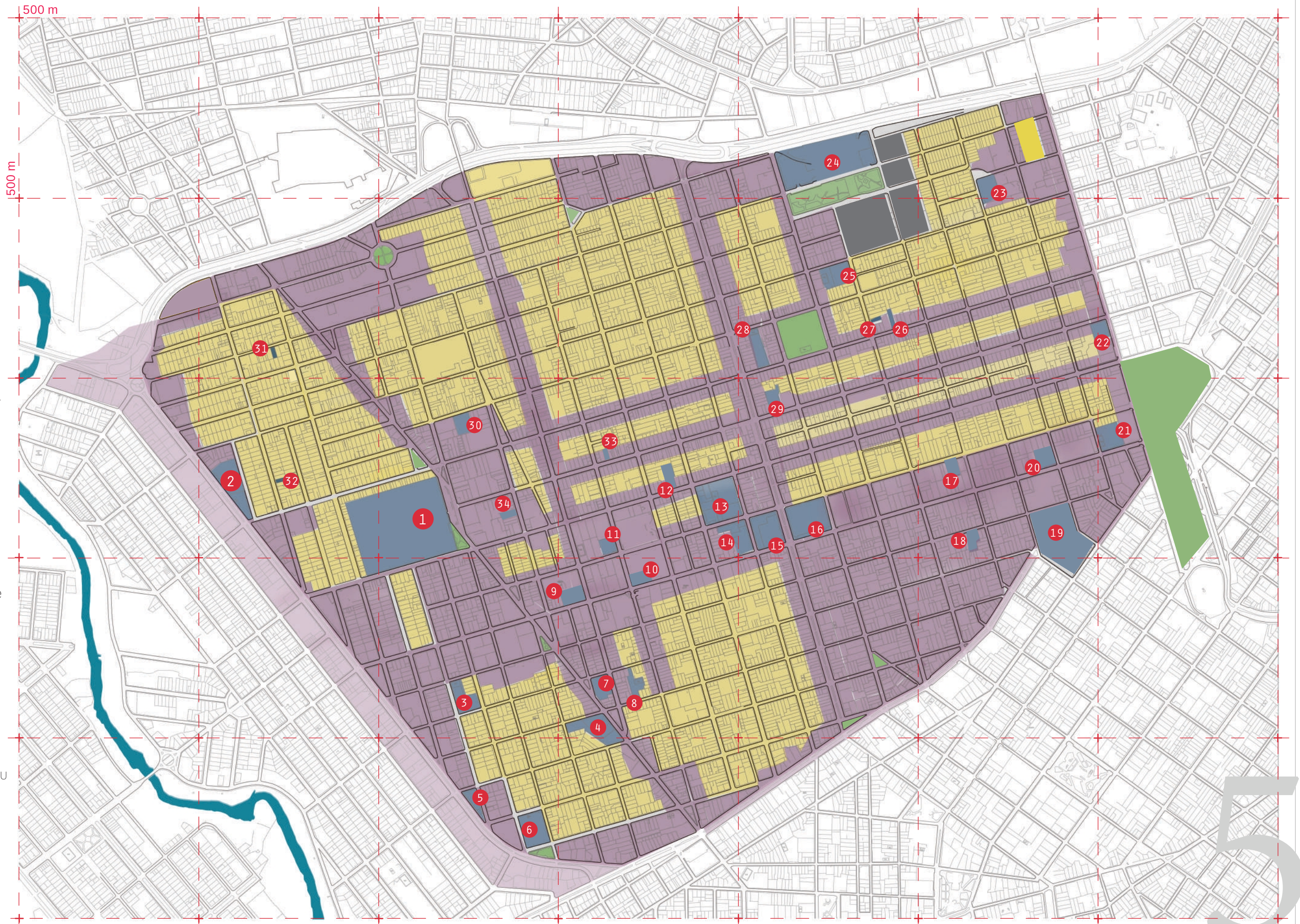
Rio Uberabinha



1:10000

Lista equipamentos:

- 1 Cemitério São Pedro
- 2 Faculdade UNIPAC
- 3 E.E. Ângela Teixeira Silva
- 4 Faculdade FRATA
- 5 E.E. José Zacharias Junqueira
- 6 Escola particular
- 7 Batalhão Polícia Militar
- 8 E.E. Afonso Arinos
- 9 Tribunal Regional Eleitoral
- 10 ACIUB - Associação Comercial e Industrial de Uberlândia
- 11 CDL Uberlândia
- 12 Agência Caixa Econômica
- 13 UAI Martins e E.E. Clarimundo Carneiro
- 14 Centro Espírita
- 15 EMEI Sociedade São Vicente de Paula
- 16 Hospital Santa Genoveva
- 17 SENAC
- 18 CAPS II Adulto
- 19 U.T.C
- 20 Faculdade ESAMC
- 21 E.E. Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa
- 22 Faculdade UNIPAC
- 23 Correios
- 24 Terminal Rodoviário
- 25 E.E. Ignácio Paes Leme
- 26 Creche Particular
- 27 Associação de Moradores bairro Martins
- 28 E.E. Tubal Vilela da Silva
- 29 Unidade Administrativa UFU
- 30 E.E. Osvaldo Resende
- 31 Associação de Moradores
- 32 Associação de Capoeira
- 33 EMEI do bairro Martins
- 34 EMEI Vera Anitta N. de Souza



MAPA 6
linhas
de ônibus

— trajeto linhas de ônibus

▲ ponto de parada

~ Rio Uberabinha



1:10000



No Mapa 5, referente aos tipos de usos existentes nos dois bairros, foi realizada uma análise em manchas de acordo com a predominância dos usos. Percebe-se que o uso misto, marcado em violeta no mapa, domina grande parte do território, especialmente na região delimitada pela Avenida Getúlio, à sul e pela Avenida Fernando Vilela, à norte, onde concentram-se uma grande quantidade de equipamentos públicos e privados que estimulam a criação de outros comércios e serviços nas redondezas. Como é o caso do Hospital Santa Genoveva e da Unidade de Atendimento Integrado - UAI Martins - que gerou em seu entorno imediato a construção de clínicas médicas particulares, farmácias, etc.

A partir de percepções sobre a vivência no bairro e nos percursos em deriva, nota-se um grande fluxo de pessoas e automóveis durante o dia nas regiões de uso misto, com predominância para locais onde concentram-se comércio e serviços; e à noite esses espaços encontram-se ermos e desabitados. Os locais com mais movimentação de pessoas no período noturno são no entorno imediato das faculdades particulares, onde instalaram-se pequenas lanchonetes e vendedores ambulantes; e nas áreas com mais residências, onde a rua ganha força como espaço público: as crianças aproveitam o tempo de folga após a escola, as pessoas realizam pequenas compras cotidianas no comércio mais próximo, reuniões de moradores com mobiliário improvisado na porta da casa e interação entre a vizinhança.

A morfologia das edificações é um fator influenciador nas dinâmicas das pessoas nos espaços públicos. Algumas ruas onde as casas são térreas e o acesso principal é feito alinhado ou próximo à testada do lote, e em geral, são geminadas, possuem uma quantidade considerável de interações sociais na calçada, tomando-a como ambiente de extensão da sala de estar. Enquanto nas áreas com mais verticalização e de uso misto, essas interações são mais superficiais, efêmeras e geradas pelos percursos cotidianos.

A tipologia das edificações também influencia nas dinâmicas visto que, os locais onde as interações sociais entre moradores é mais forte são nas calçadas das casas de menor porte, onde o espaço privado torna-se insuficiente, e a rua é anexada à esfera doméstica, atenuando a sensação de segurança gerada pela presença dos "olhos da rua". (JACOBS, 2000, p.35)

PERFIL SOCIOECONOMICO DA POPULAÇÃO

A fim de um entendimento geral das características socioeconômicas dos bairros analisados, foram feitas pesquisas baseadas em dados recolhidos pelo IBGE no Censo 2010 e também por visitas em campo, que serviram para entender o perfil da população local e os locais mais vulneráveis social e economicamente.

Segundo dados do Censo 2010, o Martins possui pouco menos da metade da área total do Osvaldo Rezende, sendo este o 8º no ranking de dos maiores bairros de Uberlândia em população, atrás de outros como Luizote de Freitas e Presidente Roosevelt. Pelo mapa disponível na plataforma do IBGE, onde dividiram-se os bairros por setores, é possível ver a variação da densidade demográfica e renda per capita, o que foi fundamental para ter uma dimensão das variações econômicas que existem nos bairros, evitando o generalismo.

Conforme cita Soares (2009), após 1940 algumas áreas do Martins foram loteadas e destinadas à grupos de renda mais elevada nas proximidades do Centro. Isso explica a visível disparidade econômica entre algumas regiões de ambos os bairros, perceptível pelo tamanho dos lotes e padrões das residências, como ilustra o Mapa 9.

TABELA 1: Área e população dos bairros Martins e Osvaldo Rezende

	Martins	Osvaldo Rezende
ÁREA	1,42 (km ²)	2,50 (km ²)
POPULAÇÃO	8.788	18.572
DENSIDADE DEMOGRÁFICA	6.455 (hab/km ²)	7.431 (hab/km ²)

► FIGURA 9: Croqui idosos conversando na porta de casa
(Fonte: Autora)



MAPA 7

densidades

0 - 3700 hab/km²

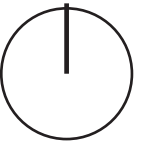
3701 - 6399 hab/km²

6400 - 8180 hab/km²

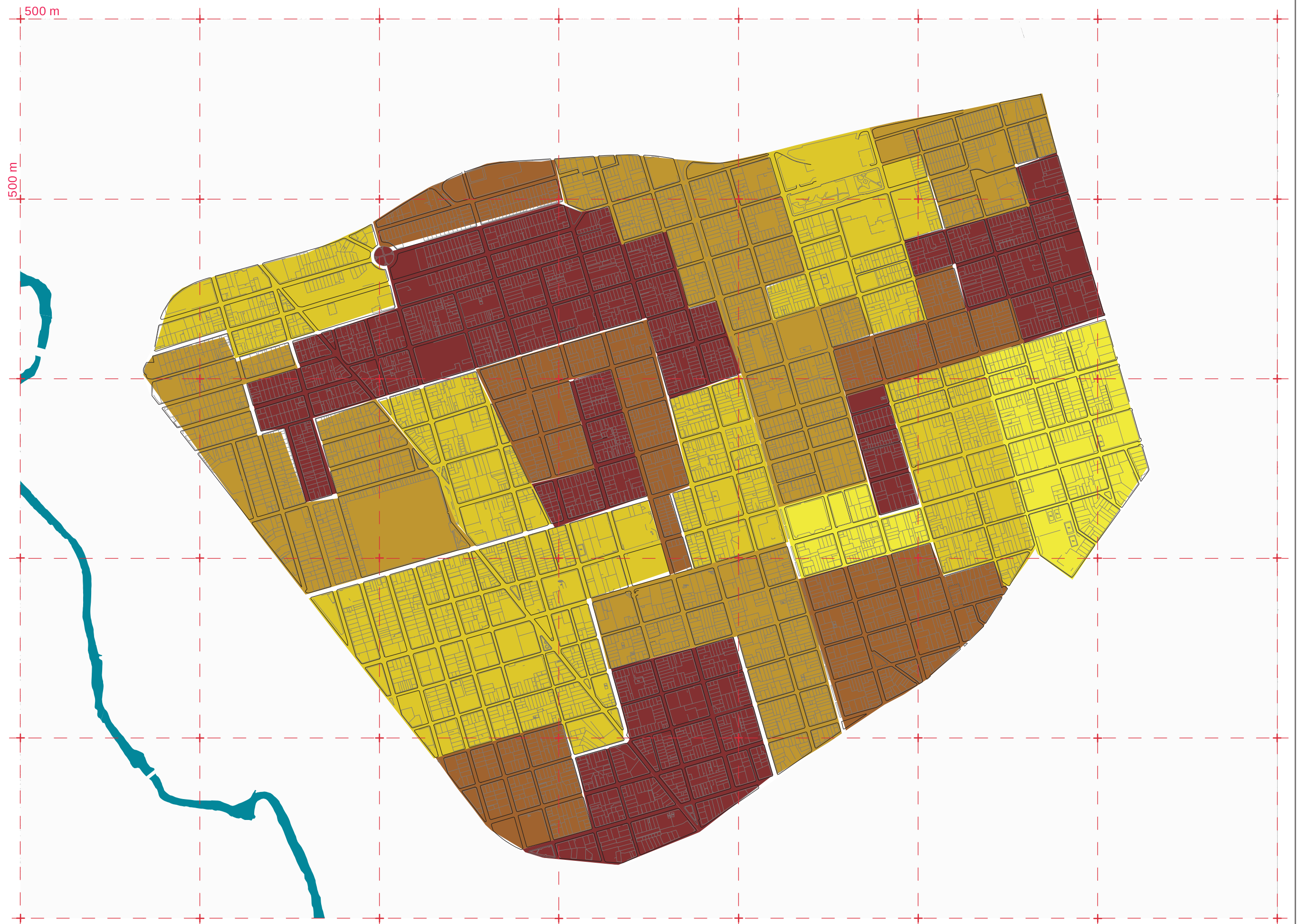
8181 - 10.000 hab/km²

10100 - 27550 hab/km²

Rio Uberabinha



1:10000

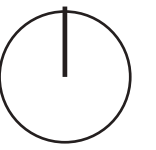


cheios e vazios

vazios

edificações

Rio Uberabinha



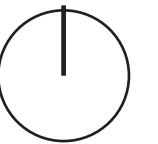
1:10000



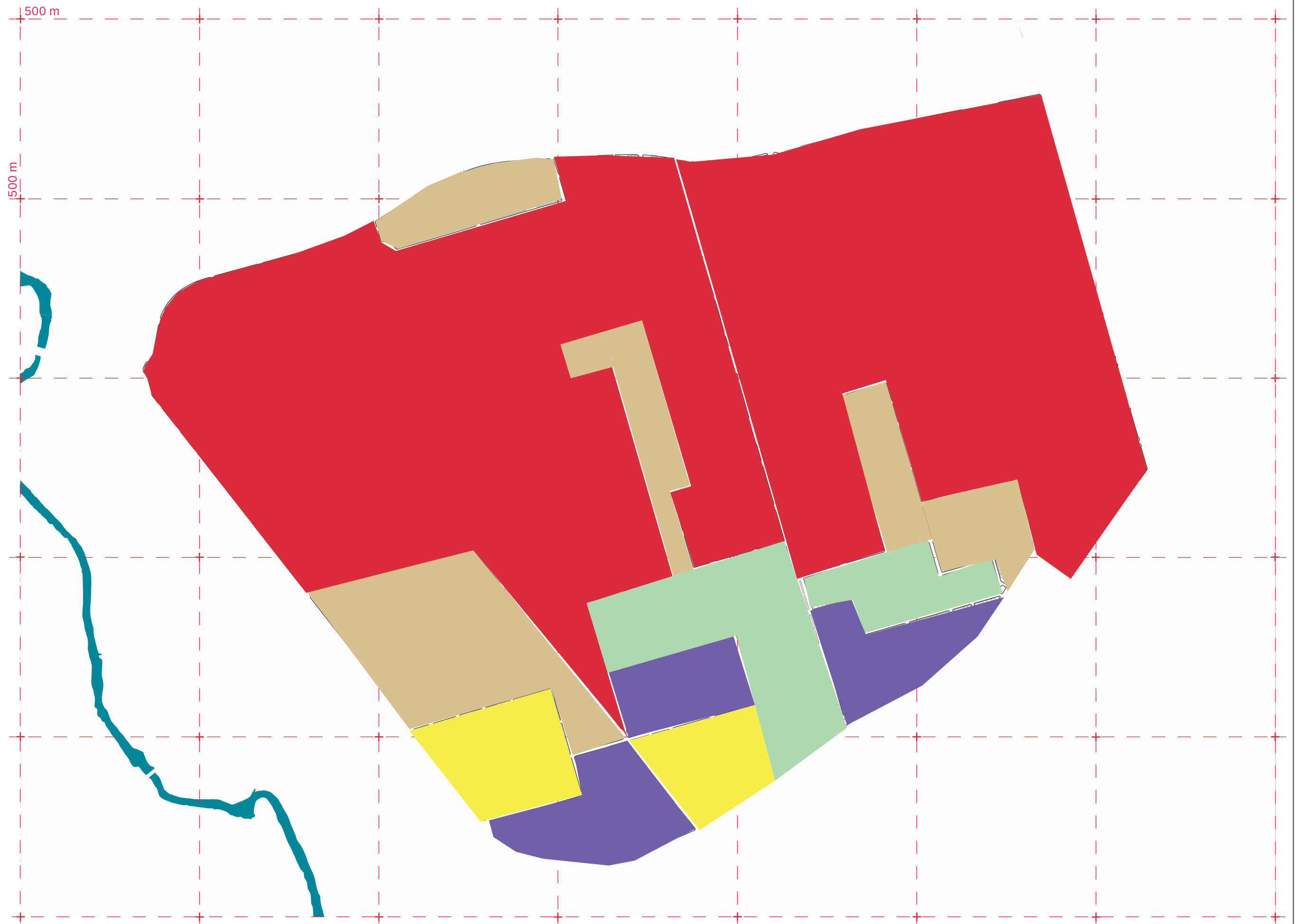
renda per capita



Rio Uberabinha



1:10000



A partir dos dados censitários de densidade e renda per capita, foi possível comprovar algumas impressões obtidas nas derivas. Segundo o IBGE 2010, a renda média familiar do bairro Osvaldo Rezende é de 3.136 reais por mês, e a do bairro Martins é de 3.798. No Mapa 8, a área marcada em vermelho possui uma população com menor poder aquisitivo que a parte sul dos bairros, o que fica perceptível visualmente no padrão das edificações e como isso cria um gradativo na paisagem urbana, como ilustra o Mapa 10 da deriva.

Não coincidentemente, a região adjacente ao Centro é mais valorizada em relação à região norte. Na primeira concentram-se a parte mais verticalizada, clínicas médicas particulares e comércios especializados; enquanto na segunda, predominam as casas térreas unifamiliares, fronteiriças à serviços e comércios que estão atrelados à atividades logísticas automobilísticas, devido à presença da BR-365.

A Zona de Transição estabelece uma relação de desvalorização sobre a sua vizinhança urbana imediata, pois são áreas frequentadas em grande parte por trabalhadores no período diurno, possuem tráfego constante de automóveis, e seu uso acarreta num ambiente urbano poluído e degradado. Nos períodos noturnos, fora do horário comercial, esses locais ficam desertos, a ponto de se tornarem fronteiras (2).

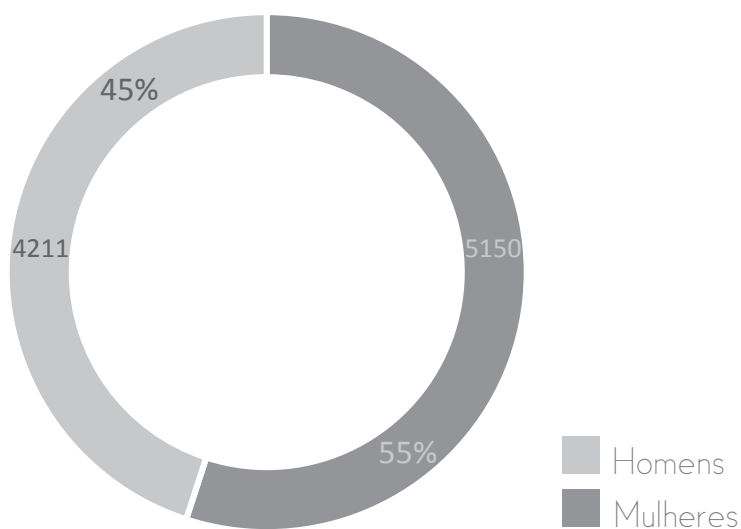
As fronteiras tendem, assim, a formar um hiato de uso em suas redondezas. Ou, em outras palavras, devido ao uso super simplificado da cidade em certo lugar, em grande escala, elas tendem a simplificar também o uso que as pessoas dão às áreas adjacentes, e essa simplificação de uso - que significa menos frequentadores, com menos opções e destinos ao seu alcance - se autoconsome. (JACOBS, 2000, p.287)

No Mapa 6, sobre densidade, verifica-se que as maiores densidades são em áreas residenciais, concentradas nos extremos norte e sul dos bairros. Entretanto, ao analisarmos as dimensões dos lotes de ambas as áreas fica evidente que a densidade elevada na porção sul é resultante de um processo de verticalização, já que possuem maiores terrenos privados, enquanto na porção norte, os lotes tendem a ser menores com mais residências nas quadras.

2 JACOBS, 2000, p. 287

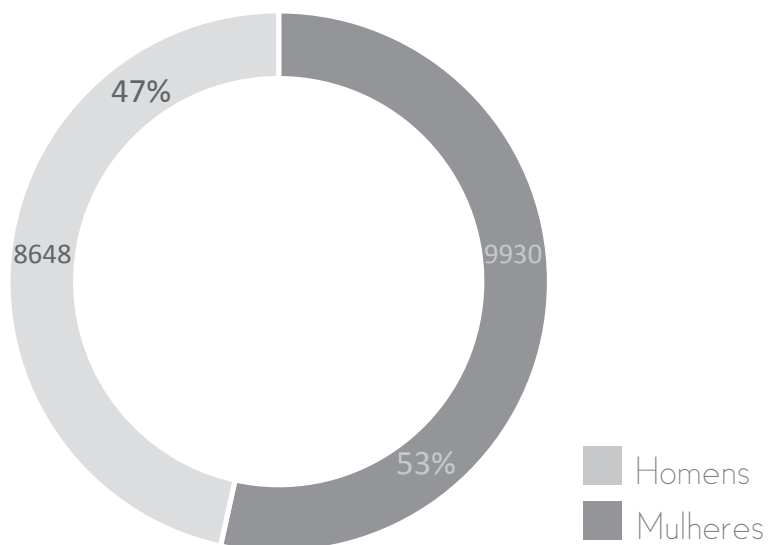
Analisando os Gráficos 1 e 2, que trata do gênero da população, é possível verificar números pouco destoantes entre homens e mulheres em ambos os bairros. Os dados referentes às faixas etárias da população demonstram que a grande maioria da população são de grupos economicamente ativos, mas também há um número relevante de crianças e idosos, conforme mostra os Gráficos 3 e 4:

GRÁFICO 1: Gênero da população do bairro Martins



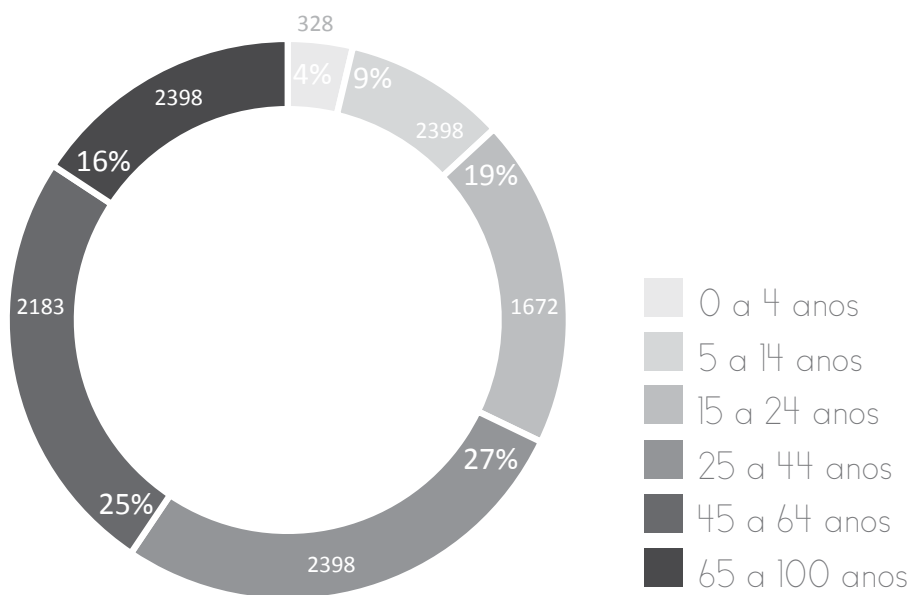
(Fonte: LIMA, G. T. L., 2018 . Dados IBGE, 2010)

GRÁFICO 2: Gênero da população do bairro Osvaldo Rezende



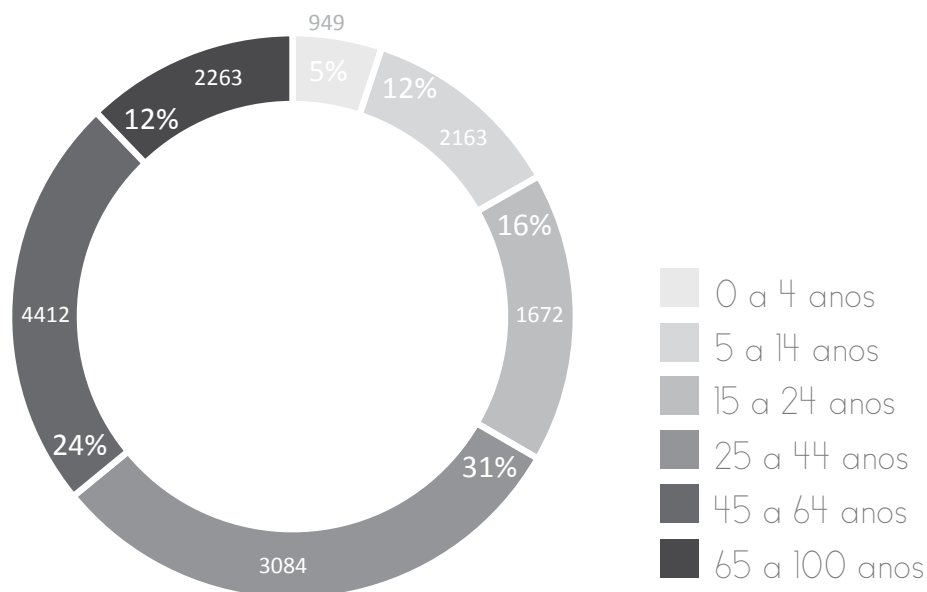
(Fonte: LIMA, G. T. L., 2018 . Dados IBGE, 2010)

GRÁFICO 3: Faixas etárias da população do bairro Martins



(Fonte: LIMA, G. T. L., 2018 . Dados IBGE, 2010)

GRÁFICO 3: Faixas etárias da população do bairro Osvaldo Rezende



(Fonte: LIMA, G. T. L., 2018 . Dados IBGE, 2010)

Como reflexo dos dados coletados, onde 44% dos moradores do Martins e 36% do Osvaldo estão na faixa etária acima dos 45 anos é possível notar a presença ativa deles nas ruas. No período diurno, em observações nas visitas de campo, foi possível perceber a utilização da rua pelos idosos, como ponto de encontro para conversas, em especial onde há predominância de residências. Em alguns casos, onde a esquina é ocupada por um comércio local, tende a ser um forte ponto de atratividade para os idosos inativos que não têm opções de lazer. É comum encontrá-los caminhando pelo bairro, se exercitando e conversando na porta das habitações, sobretudo as mulheres.

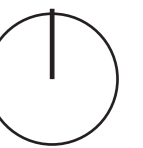
Nas áreas mais residenciais, percebe-se que a movimentação de crianças e adultos aumenta nos períodos noturnos e nos finais de semana, momentos em que esses grupos se encontram fora das suas atividades cotidianas de estudo e trabalho. Muitas vezes, esse momento de ócio se dá na frente das casas, com reuniões familiares e brincadeiras, no caso das crianças.

Os adultos em idades produtivas estão presentes no período diurno nas proximidades de regiões mais comerciais, especialmente próximos à galpões, lojas, etc. As avenidas Vasconcelos Costa, Belo Horizonte e Fernando Vilela são as mais movimentadas tanto por trabalhadores como clientes dos comércios disponíveis.

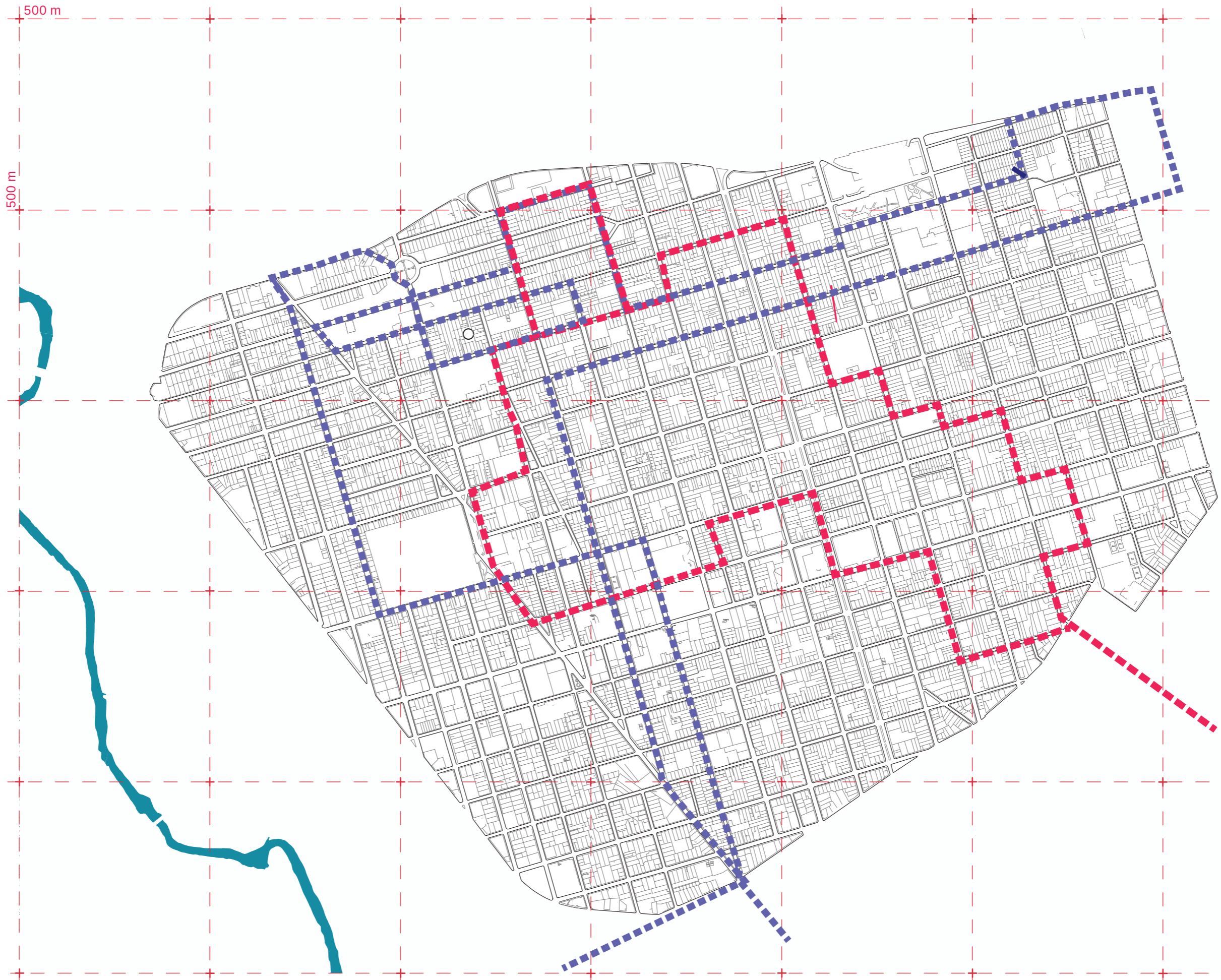
Foram relatadas em conversas informais durante a deriva, a necessidade de equipamentos esportivos, voltados para o lazer de jovens e adultos. Além disso, há uma preocupação constante com a segurança, especialmente à norte da rua Monte Carmelo, onde relataram-se situação de roubo e tráfico de drogas.

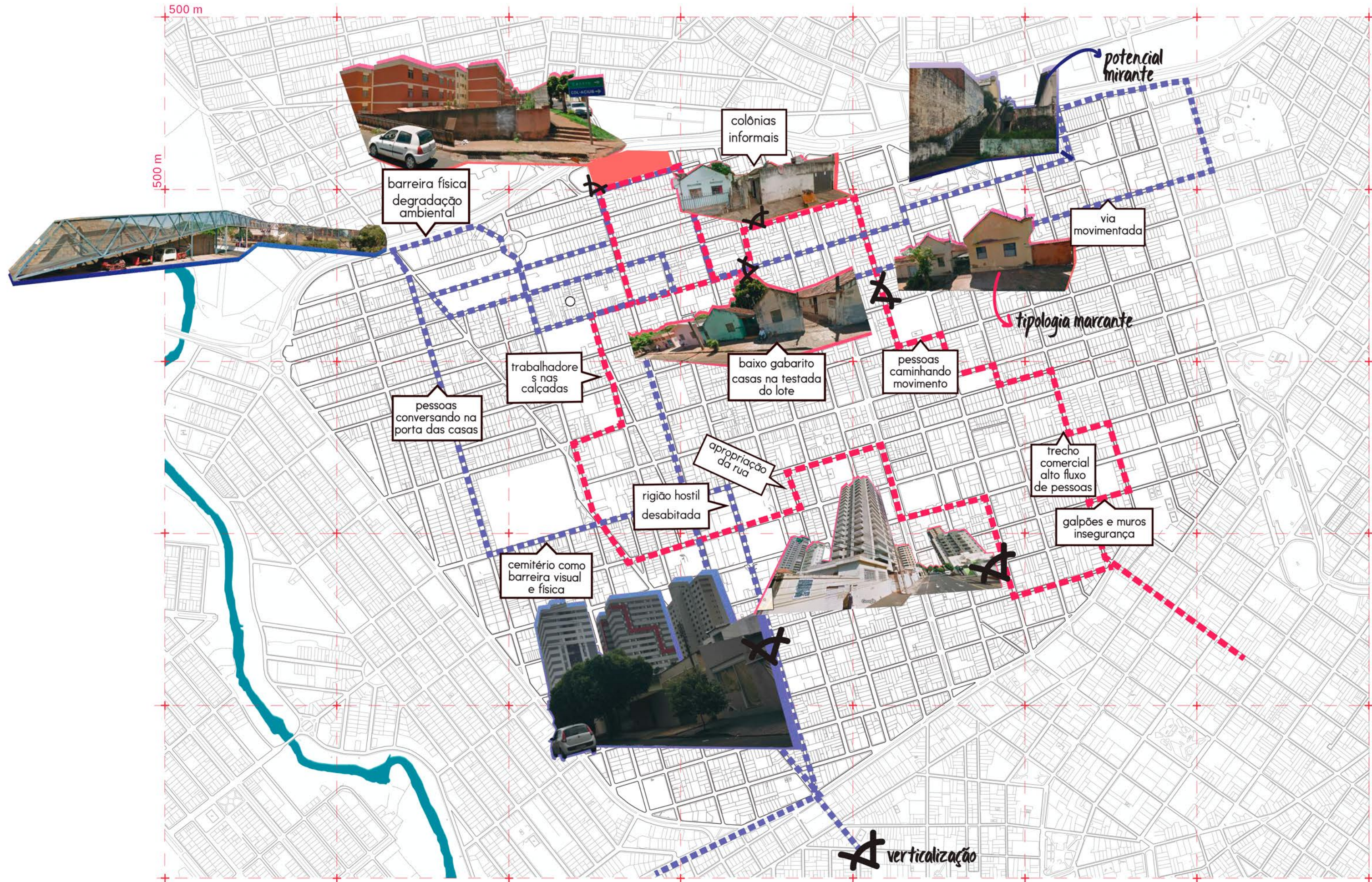
Apesar disso, nos percursos feitos pela deriva, pode-se perceber uma sensação de segurança quase que constante nas áreas predominantemente residenciais, visto que a presença de pessoas nas ruas é regular. Ao contrário das áreas com presença de grandes galpões e muros, onde configuram-se ambientes hostis e pouco ocupado por moradores.

A partir dos dados censitários atrelados à deriva, conclui-se que a área possui uma diversidade de faixas etárias com participação ativa nos ambientes públicos, e que a rua é o principal espaço de encontro. Entretanto, nota-se que o período noturno há uma diminuição das atividades e as áreas mais comerciais, como a Av. Vasconcelos Costa, tornam-se ermas.



1:10000





os lugares

JUSTIFICATIVA

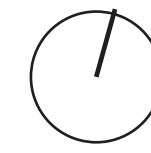
Analisando os dados censitários, impressões obtidas em deriva, e análises morfológicas, foi definida a área recorte para desenvolvimento das proposições deste trabalho. Seguindo os preceitos de Maricato (2015) e entendendo a cidade como o lugar de reprodução da força de trabalho, os equipamentos sociais, o transporte coletivo e a infraestrutura são questões primordiais da luta social, especialmente em países periféricos, como o Brasil.

Sendo parte integrante de uma cidade construída aos moldes do capital (MARICATO, 2015), os bairros Martins e Osvaldo Rezende também carregam em sua origem a reprodução dessa força de trabalho aliada aos interesses imobiliários que resultaram numa ocupação urbana sem planejamento, precário em espaços livres, de cultura e lazer. Condição essa que se agrava na área recorte escolhida, representada no Mapa II, devido aos fatores apresentados anteriormente nas análises, expressos nas formas de uso e no parcelamento do solo. Além disso, nela estão concentrados os menores níveis de renda e escolaridade; menor disponibilidade de serviços e equipamentos urbanos atrelado aos fatores de degradação do espaço urbano, criando condições para marginalização da mesma.

Em contraponto, essa área possui potencialidades sociais e culturais, forte senso de comunidade que, podem ser otimizadas por um projeto urbano arquitetônico e que responda às demandas existentes. Para isso, a alternativa julgada mais coerente como catalisador dessas oportunidades, é uma intervenção urbana de micro escala, onde serão feitas operações em pontos específicos.

Utilizando os conceitos de Lerner (2011) sobre acupuntura urbana, temos que pequenas intervenções na cidade tem potencial para o benefício do espaço urbano. O autor faz um paralelo da cidade com o corpo humano, de modo que esse conjunto de ações pontuais elevasse a energia em pontos específicos que seriam distribuídos em cadeia para o restante do tecido urbano. Contudo, o diagnóstico dos "sintomas" da cidade são fundamentais para a escolha adequada do tratamento.

articulações



-  Rio Uberabinha
-  Raios de abrangência mínima
-  Lotes vagos - locais de intervenção
-  Possíveis percursos



Assim como a medicina necessita da interação entre médico e paciente, em urbanismo também é preciso fazer a cidade reagir. Cutucar uma área de tal maneira que ela possa ajudar a curar, melhorar, criar reações positivas em cadeia. É indispensável intervir para revitalizar, fazer o organismo trabalhar de outra maneira. (LERNER, 2011, p.7)

Para propor as operações pulverizadas pelo recorte, foram mapeados os vazios urbanos existentes e selecionadas 5 áreas principais que receberão os projetos. O fator em comum para escolha desses locais foi a distribuição uniforme ao longo do recorte, promovendo a maior abrangência possível.

É evidente que, para a determinação de uma distância caminhável somam-se vários fatores sobretudo, como aponta Jacobs (2000), a motivação do usuário. Dessa forma, buscou-se trabalhar com uma distância mínima de 300 metros e máxima de 500, buscando aproximar esses equipamentos para o máximo de moradores.

Além disso, elas foram definidas por mais uma soma de fatores: social, econômico e morfológico; isso atrelado à escolha de programa para cada uma, como forma de ter um diálogo com seu entorno. Outras áreas também foram incluídas nas diretrizes gerais para os bairros, como forma de proporcionar uma maior diversidade de usos e o adensamento de algumas áreas, funcionando não só como sustentação econômica da proposta como um todo, mas também como metas para um urbanismo mais sustentável para a região.

Com as combinações de usos principais, as ruas frequentes efetivamente ajudam a gerar diversidade só pela maneira como atuam. O modo como funcionam (atraindo para si misturas de usuários) e os resultados que elas proporcionam (o crescimento da diversidade) estão intimamente relacionados. A relação é recíproca. (JACOBS, 2000, p.206)

o conceito

DIREITO À CIDADE E ESPAÇO PÚBLICO

Entendendo a construção dos bairros Martins e Osvaldo Rezende como fruto do desejo pela maior retabilidade do solo possível, claramente demonstrado pela carência de espaços públicos. Ao mesmo tempo, têm um traçado em quadricula, típico da cidade industrial, como coloca Lamas (1992), onde visa-se o máximo aproveitamento do solo para construção de loteamentos para a classe operária, atrelados à ideais urbanísticos higienistas do século XX.

O interesse da arquitetura em debater meios de construir lugares que recebam públicos diversificados e que por meio do ambiente construído se tornem espaços atrativos e democráticos não é recente. Juntamente ao debate de dimensão sociocultural, arquitetônica e urbanística, o espaço público, seja ele a rua, a praça, o parque, demandam a participação do debate político. A discussão acerca das políticas públicas está intrínseca ao modus operandi da vida urbana, e por isso cabem aos arquitetos urbanistas debaterem e projetarem espaços que acrescentem boas experiências sociais aos habitantes das cidades.

A luta contra a especulação imobiliária passa a ser um dos objetivos urbanísticos, face às dificuldades de conciliar os interesses econômicos com a arte urbana. A especulação imobiliária vai investir na construção e aproveita a perda do controle público para comandar o desenvolvimento urbano e assim vai modificar substancialmente a produção de formas urbanas (LAMAS, 1992, p.210)

Entendendo a cidade como palco das relações humanas, como coloca Lefebvre (2010), "A cidade é a sociedade inscrita no solo", as políticas públicas se relacionam intimamente com os problemas urbanos atuais, tais como a violência, a insegurança, o enfraquecimento da esfera pública, a falta de sociabilidade. Contudo, o cenário atual marcado pelo individualismo (BAUMAN, 2009) necessita da intervenção de novos tipos de urbanidade, bem como do redescobrimto de antigas estratégias de coesão sociocultural (SCOCUGLIA, 2012). O espaço público é o local onde os atores sociais se relacionam entre si e com a cidade, é o lugar da diversidade e do encontro social, da imprevisibilidade e da expressão dos conflitos, "...local onde se realiza a síntese de lugares e fluxos." (SCOCUGLIA, 2012).

A criação do Estatuto da Cidade, em 2001, foi baseada no conceito de função social da terra urbana, trabalhada em meados do século XIX, num cenário de sociedade liberal, a jurisprudência francesa foi a responsável pela construção jurídica do conceito. Posteriormente, esteve presente na constituição brasileira desde 1934, e está hoje presente na última Constituição de 1988, no Artigo 182:

A propriedade tem, antes de tudo,
uma função social, e não poderá ser
exercida contra o direito coletivo.
(Constituição Federal de 1988, Artigo 182)

Portanto, apoiado em arcabouço legal, este trabalho tem como objetivo a criação de espaços públicos, que promoverão o cumprimento efetivo da função social do solo urbano, apoiada essencialmente no acesso democrático ao espaço urbano, a qualidade desses espaço e o fomento das relações e dos encontros gerados nesse meio.

INTERVENÇÃO URBANA DE MICRO ESCALA

Aldo Rossi (1995), determina as escalas urbanas em: a escala da cidade, que seria o conjunto dos bairros; a escala do bairro, composta pela soma dos quarteirões com características comuns e a escala da rua sendo os elementos fundamentais da paisagem urbana, composta pelos imóveis, morfologia da via, elementos paisagísticos, etc. Considerando o bairro como unidade cadastral da cidade, devido às suas dimensões, não gera, necessariamente, identidade entre os moradores, pois as relações sociais acontecem numa escala menor, a escala da rua.

Na escala da rua é onde acontecem as relações de vizinhança, configurando assim a menor unidade urbana possível, pois é onde temos a interligação das edificações com o espaço público, que também é a função da quadra. Portanto ao tratar micro escala urbana concentra-se na quadra e na rua, que são as menores unidades urbana possíveis. A escala urbana trata-se do conjunto dos bairros, sendo que essas duas escalas tem o bairro como intermediário. (ROSSI, 1995)

A ideia de abranger uma micro escala na intervenção proposta parte do ponto de vista que é possível realizar uma melhor caracterização das problemáticas existentes na ordem da quadra e da rua, com o intuito de promover uma mudança num ponto em que possa haver uma reverberação na comunidade. Após as análises gerais realizadas, pode-se compreender diferentes tipos de problemas e potencialidades que, se fossem resolvidas de maneira generalizadas poderiam não ter o efeito desejado ou, ainda pior, estabelecer dinâmicas que desequilibrassem os bairros.

A proposta de Lerner (2011) compara a cidade à um organismo vivo e, o urbanista, como "médico", têm a função de propor tratamentos a partir de diagnósticos dos problemas. Porém, nem sempre a cidade precisa passar por "cirurgias" ou intervenções complexas que a modifiquem drasticamente. Muitas vezes, como o mesmo autor defende, pequenos estímulos, feitos de maneira correta, podem contribuir para uma reação, gerando reações positivas em seu entorno.

Em resumo, sanar as problemáticas locais são uma saída mais econômica e sustentável para a reestruturação de uma comunidade. Ao passo que as medidas vão sendo implementadas e os moradores possam ter mais autonomia sobre o espaço que habitam, há uma reverberação da gentileza urbana que antes era pontual, podendo mudar a dinâmica dos bairros como um todo.

○ princípio de recuperar a energia de um ponto doente ou cansado por meio de um simples toque tem a ver com a revitalização deste ponto e da área ao seu redor. (LERNER,2011, p.7)

A implementação de várias arquiteturas pulverizadas pelo território ganha força quando responde às peculiaridades de cada lugar, propondo usos e implantação coerentes. Atrelado à isso, entendendo a rua como uma continuação desses edifícios faz-se necessário o tratamento da rua, não só como o leito trafegável de veículos, mas principalmente, como o principal local de encontro e locomoção, seja a pé ou de bicicleta.

Uma boa acupuntura nesse sentido, é promover os encontros e contribuir para o deslocamento dentro do território de uma maneira mais sustentável, visto que, os bairros já possuem uma boa rede de transporte público e uma proximidade considerável com o Centro, a priorização de outros modais em detrimento ao automóvel é uma alternativa cabível.

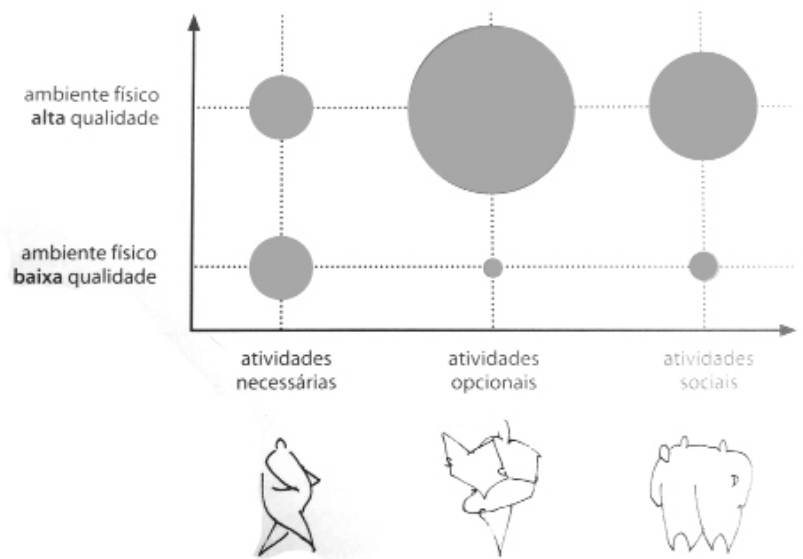
REFLEXÕES SOBRE URBANIDADE E CAMINHABILIDADE

A premissa do presente trabalho é propiciar aos bairros qualidade de vida, à medida que se estabelece padrões projetuais que ofereçam espaços de oportunidades: diversidade, trocas, encontros, comércio, cultura, lazer. O conceito utilizado pelos teóricos para o termo urbanidade abrange a qualidade dos espaços urbanos, classificando-os como acolhedores, compartilhados, dinâmicos; ou o contrário, repressores e inóspitos. (HETZBERGER, 1996; GOUVÉA, 2008; LYNCH, 2010; JACOBS, 2011; GEHL, 2015; ROGERS, 2016)

De maneira geral, conforme defende Gehl (2015), a caminhada é o ponto de partida para que exista vida entre edifícios, e para isso é preciso que a cidade ofereça oportunidades para percursos a pé. Pensando numa escala de vizinhança, onde algumas das atividades cotidianas podem ser realizadas caminhando, como comprar suprimentos na mercearia da esquina, passear com o cachorro, levar as crianças para brincar, conversar com o vizinho sobre algo banal, fazer atividades físicas, etc; fomentar esses tipos de possibilidades pode se tornar a motriz da urbanidade de um bairro.

O descaso dos poderes públicos com os pedestres e ciclistas em contraposição ao trânsito de veículos motorizados, cria um círculo vicioso de desestímulo à caminhada, utilização do automóvel e conseqüentemente, desestruturação dos comércios locais. A necessidade de cenários urbanos com diversificação de usos, horários e públicos é fundamental para promoção do convite à utilização da rua, não só como um percurso mas também como lugar de socialização. (GEHL, 2015, p. 21)

Gestores públicos deixaram de pensar no pedestre: toda a infraestrutura foi planejada de forma a dar maior fluidez ao trânsito de veículos motorizados. Com isso, a cidade já não faz nenhum sentido para o pedestre, a caminhada é menos frequente, as distâncias ficaram mais longas e com isso a cidade ficou insegura, uma vez que a prática do andar é incômoda e inacessível e os cidadãos, de maneira geral, perderam sua qualidade de vida. (PAIVA, 2017, p.39)



►FIGURA 7: Esquema gráfico relacionando a qualidade de ambientes externos e atividades ao ar livre. O aumento da qualidade do ambiente externo favorece as atividades opcionais, conseqüentemente, favorecendo as atividades sociais. (Fonte: Gehl, 2015)

A partir de pesquisas em diversas cidades do mundo apresentadas na pesquisa sobre caminhabilidade do autor Lincoln Paiva (2017), concluiu-se que locais que possuem tráfego intenso de automóveis e que as pessoas não têm o hábito de se deslocarem a pé são menos propensos a ter interações entre vizinhos. Além disso, mostra que as pessoas que se deslocam a pé têm mais identificação e identidade com o espaço, o que reforça o senso de comunidade e pertencimento.

Nas pesquisas feitas antes e depois de requalificações urbanas, como é o caso da cidade de Bogotá. Foram propostas derivadas aos usuários em dois momentos: antes da requalificação, onde usou-se uma metodologia que incentivava o usuário a explorar vias não muito usuais; e no segundo momento, após a requalificação, sendo livre o percurso. Constatou-se ao final que, as caminhadas após os planos urbanos tiveram uma maior duração devido à melhora da condição das calçadas e as fachadas dos edifícios estavam em melhores e mais vívidas.

No geral, os fatores que mais contribuem para uma maior caminhabilidade das cidades analisadas foram:

- melhora do desenho urbano, requalificações;
- criação de amenidades para os pedestres, como arborização urbana (conforto ambiental);
- muros baixos e interação entre vizinhos (maior sensação de segurança);
- importância do patrimônio histórico como um percurso de aprendizado;
- densidade e relação dos moradores com os espaços públicos.

Assumindo que caminhar e andar se diferem entre, ter um objetivo final e não ter, respectivamente, o programa proposto, diluído na malha urbana cria conseqüentemente, oportunidades de caminhada. Dessa maneira, uma preocupação para sustentação desse projeto foi sanar as precariedades urbanas que dificultam esses percursos.

A cultura de sentar na porta de casa para reuniões casuais foi algo que chamou atenção, visto que se trata de uma atividade difundida em áreas residenciais dos bairros. A utilização da rua como espaço de encontro é fundamental para a segurança da comunidade e pode ser visto também como um momento de lazer, descontração. É preciso retomar a força da rua, para além do caráter de deslocamento, como o espaço de atividades comunitárias, oferecendo oportunidades para as pessoas se sintam inclinadas à dar novos usos.

Se as casas são domínios privados, a rua é o domínio público. Dar igual atenção à rua significa tratar a rua não apenas como o espaço residual entre quadras residenciais, mas sim como um elemento fundamentalmente complementar, espacialmente organizado com tanto cuidado que possa criar uma situação na qual a rua possa servir a outros objetivos além do trânsito motorizado. " (HETZBERGER, 1996, p.64)

► FIGURA 10: Rua em vila operária em Antwerp, Bélgica, 1949 (Fonte: (HETZBERGER, 1996)



as inspirações

PLAYGROUNDS DE ALDO VAN EYCK

Natural da Holanda, o arquiteto moderno Aldo van Eyck, contratado pelo Departamento Municipal de Obras Públicas de Amsterdã, produziu de 1947 a 1978 cerca de 700 playgrounds na cidade (MARTINHO apud LEFAIVRE, 2007), criando uma rede de espaços legível na malha urbana. Esses projetos foram pensados e executados num cenário pós guerra, onde grande parte da cidade, que havia sido destruída, era reconstruída pautada em princípios modernistas funcionalistas, onde habitação, trabalho, circulação e recreação deveriam ter uma separação funcional. Nos lotes ociosos entre habitações foram planejados espaços de recreação, os playgrounds, que seguiam um desenho simples, de rápida execução e baixo custo.

A convivência é a premissa principal dos espaços, projetados como locais de encontro numa escala de vizinhança e trabalhados de forma tática, tirando partido das particularidades do entorno e das características de cada terreno. Os locais escolhidos para implantação variavam entre lotes abandonados a extensões de calçada e, segundo Martinho, 2014; embora fossem muitas unidades com os mesmos princípios de composição, estética e programa, o arquiteto não acompanhou o processo de standartização vigente, projetando cada uma coerente com as exigências do lugar.

Van Eyck tinha uma abordagem oposta aos funcionalistas também em relação ao conceito de tempo na arquitetura. Ele via as cidades como organismos vivos, sujeitas a constantes transformações, o que o levava a projetar concentrado no presente, pautando-se no contexto existente para gerar soluções efetivas para as necessidades colocadas.

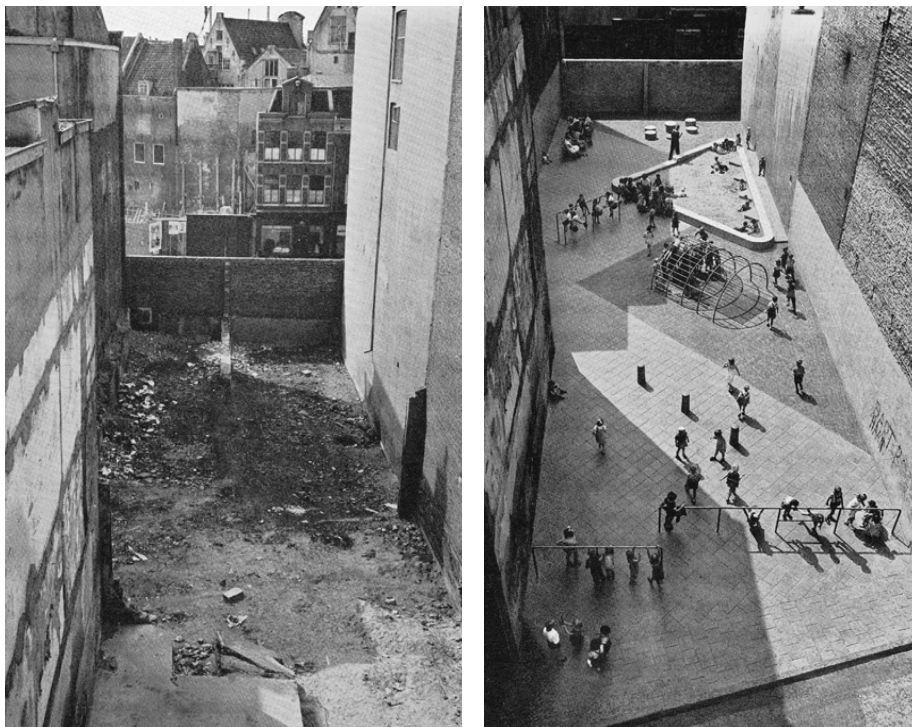
“[Os playgrounds] são pontos onde as sementes da comunidade eram costuradas, onde a cidade não deveria ser vista ou consumida, mas experimentada.”

(MARTINHO, 2014, p. 73 apud STRAUJEN, 1998)

► FIGURA 11: Crianças brincando no playground (Fonte: Martinho, 2014)



Os projetos foram divididos em duas fases: de 1947 a 1957, foram englobados terrenos na área central da cidade; e de 1957 a 1978, terrenos em áreas mais periféricas junto à parques localizados nos novos distritos da periferia da cidade. Na primeira fase o foco foi criar espaços para as crianças nascidas no pós guerra, utilizando lotes abandonados ou destruídos pelos bombardeios, como é o caso de *Dijkstraat* (1954), muitas vezes, delimitados pelos edifícios adjacentes.



◀ FIGURA 12: Antes e depois do parque infantil Dijkstraat, 1954 (Fonte: Martinho, 2014)

Nesses projetos, foi utilizado por van Eyck o conceito filosófico "in-between", originário do filósofo Martin Buber, aplicado à arquitetura representando "...lugar intermediário onde duas polaridades opostas se encontram", "um espaço de tensões, onde se estabelece uma relação de mediação entre essas duas realidades opostas, onde se cria uma relação de equilíbrio entre elas e onde estas estão simultaneamente presentes." (MARTINHO, 2014). Martinho, 2014 coloca que o termo caracteriza espaços limítrofes e, algumas das estratégias projetuais do arquiteto buscam que essas transições fossem suavizadas. Como exemplo, a pavimentação da rua que se estende para dentro do limite dos parques infantis, indefinindo então a zona limiar e gerando mais dinamismo pro espaço.

A tipologia predominante foi nos vazios entre edifícios, porém também foram feitos playgrounds em ampliações da calçada, em canteiros centrais de avenidas, em praças e parques urbanos cercados de uma vegetação mais densa.

Algumas tipologias que fugiam da conceito de público, por terem algum nível de gestão e controle de entrada foram os parques em conjuntos habitacionais, os "play gardens" e as "playing pools", que incorporavam o elemento água nos projetos.



◀ FIGURA 13: Parque urbano - Bertelmanplein, 1947. (Fonte: Martinho, 2014)



▶ FIGURA 14: Canteiro central - Saffierstraat, 1951. (Fonte: Martinho, 2014)



◀ FIGURA 15: Parque infantil no jardim interior de uma das unidades habitacionais de Frankendael (Fonte: Martinho, 2014)

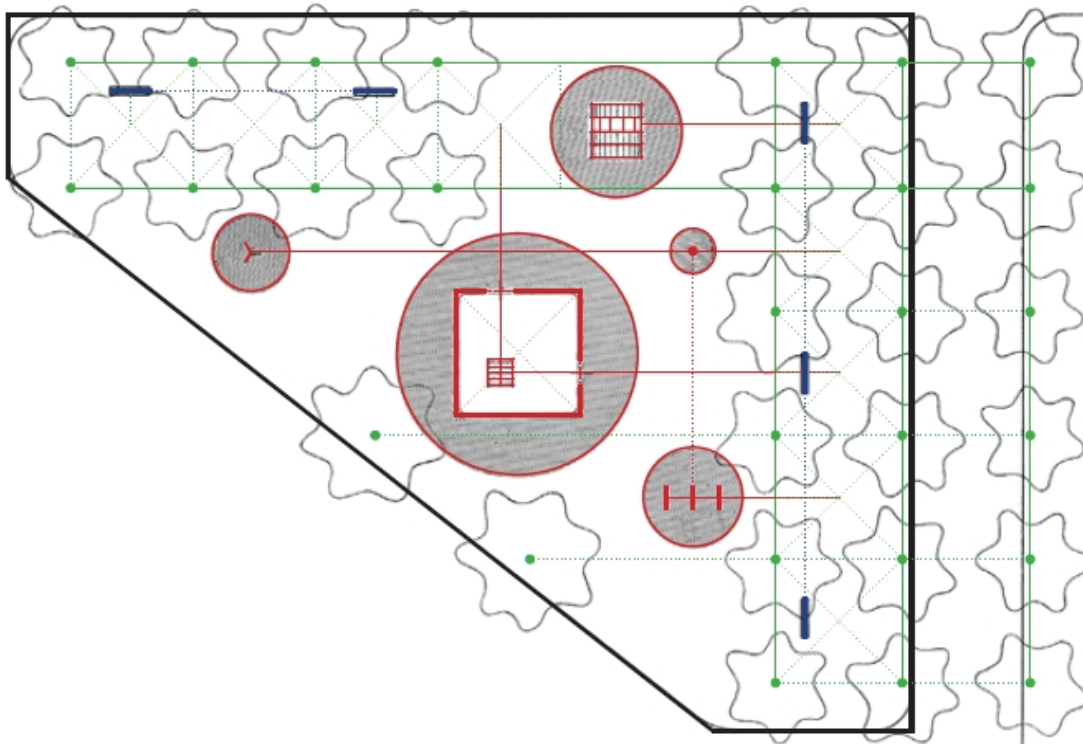


◀ FIGURA 16: Estruturas metálicas que pulverizam água em Bernhardpark, 1968 (Fonte: Martinho, 2014)

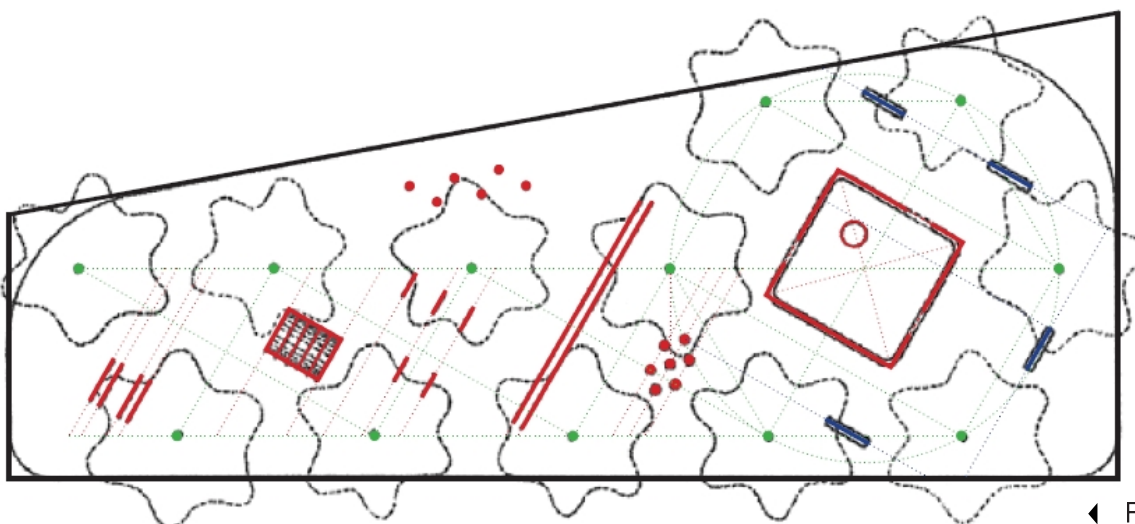
Os princípios de composição utilizados pelo arquiteto contavam com dois elementos básicos: formas sólidas e barras metálicas, que criam um jogo de formas destinadas a estimular a criança a explorar o espaço de uma maneira lúdica. Segundo Martinho (2014), as referências plásticas de van Eyck o levaram a explorar o contraste desses materiais, a dicotomia entre a solidez do concreto e a esbelteza dos elementos metálicos, numa assimetria onde esses materiais se completassem compositivamente.

A materialidade dos parques infantis também foram essenciais para a criação de uma linguagem projetual que amarravam esses espaços em rede. Através da identificação visual desses elementos, mesmo que um projeto se diferenciasse do outro, eles eram reconhecidos enquanto um conjunto.

As formas simples e abstratas desenhadas pelo arquiteto buscava fornecer condições para que crianças de diversas idades pudessem brincar, e sem definir uma função específica, estimulando a imaginação para diversas possibilidades de ação. A organização desses elementos buscava a não hierarquização, de forma que todos tenham uma mesma importância no conjunto e conformando o vazio como um espaço intermediário entre as diversas possibilidades de jogos. Dessa forma, a força desses espaços se dava pela democratização dos mesmos, onde uma grande variedade de situações de jogos podem ocorrer simultaneamente.



◀ FIGURA 17: Projeto Jacob Thijsseplein, 1949 (Fonte: Martinho, 2014)



◀ FIGURA 18: Projeto Transvaalplein, 1950 (Fonte: Martinho, 2014)

LEGENDA:

- Limite do parque infantil
- / • Elementos / espaços de jogo
- • • • • Árvores
- — Bancos
- Centro geométrico do parque (caso a sua forma seja regular)
- - - - - Formas geométricas incompletas e/ou caminhos
- — — — — Alinhamentos principais dos elementos e espaços de jogo (a vermelho) e das árvores (a verde)
- Alinhamentos secundários dos elementos e espaços de jogo (a vermelho), das árvores (a verde) e bancos (a azul)
- — — — — Eixo de simetria
- ⌒ a Métrica de desenho

HUTONG CHINÊS - MVRDV

O escritório MVRDV assumiu a proposta de projetar um Hutong chinês do presente, Xianyukou Hutong, localizado na cidade de Pequim, porém com uma perspectiva voltada também para o futuro, num plano de desenvolvimento da área. Segundo palavras dos autores do projeto, um Hutong “que seja “monumental, denso, verde, misto e individual” e que possa ser construído em etapas”.



◀ FIGURA 19: Vuela de um hutong chinês
(Fonte: Google)

Hutong é uma tipologia típica de assentamento em vila, oriundas do período medieval chinês, cuja morfologia é formada por ruelas estreitas que dão acesso às casas e comércios. A alta densidade é a característica principal do assentamento pela implantação de 3 a 4 edifícios em torno de um pátio central, o que garante a privacidade da vida familiar, característica marcante da cultura rural chinesa.

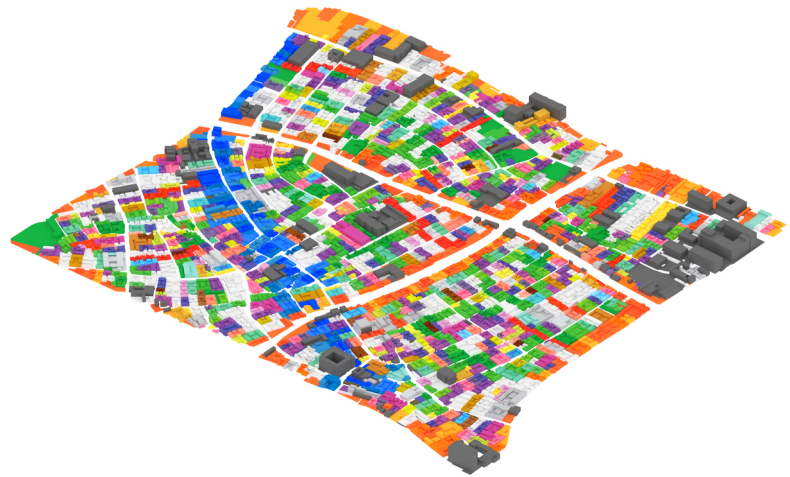
Na contemporaneidade, os hutongs evoluíram de acordo com as demandas que foram surgindo. Entretanto muitos deles foram totalmente destruídos por ocuparem áreas centralizadas na malha urbana, foco de especuladores imobiliários. O masterplan proposto pelo escritório MVRDV, busca uma grande diversidade de usos, oferecendo cultura, lazer, habitação, comércio, serviços no mesmo território, organizados na infraestrutura preexistente do hutong porém com uma remodelação que comporte as novas funções.

A proposta cria uma espécie de exposição de edifícios onde distintos projetos, intervenções, interpretações e estratégias podem ser testadas e expostas, traçando um plano de desenvolvimento possível para “o próximo hutong”. Também foi importante para visualizar como a morfologia dos pátios entre casas favoreceu a implantação de diversos tipos de usos e como eles se comunicam.



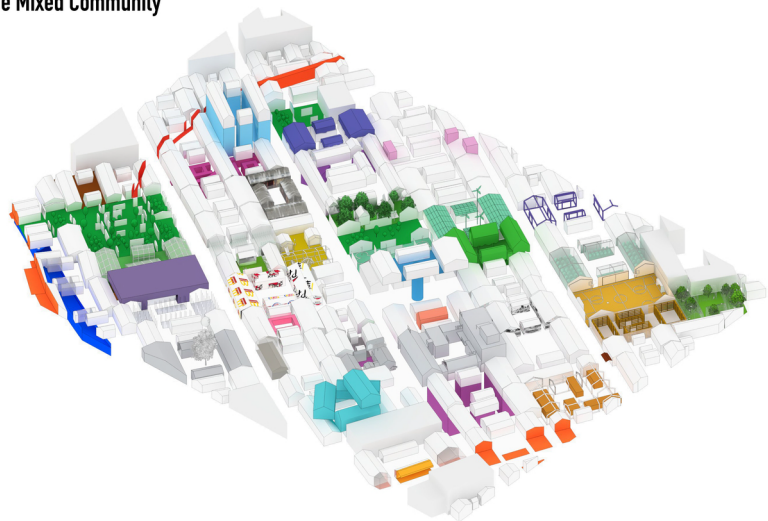
► FIGURA 20: Perspectiva da proposta (Fonte: Site MVRDV)

The Mixed Hutong



► FIGURA 21: Mapa de usos propostos (Fonte: Site MVRDV)

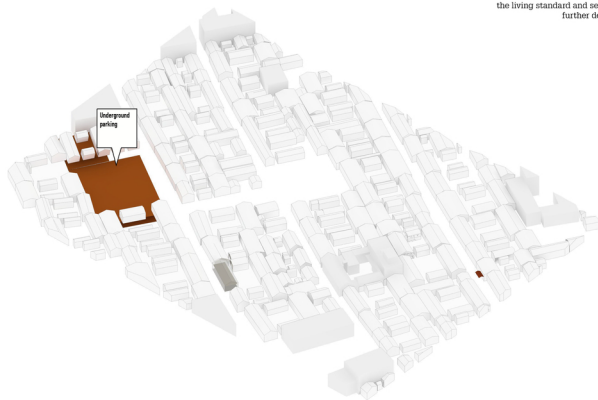
The Mixed Community



► FIGURA 22: Perspectiva de usos propostos (Fonte: Site MVRDV)

PHASE 1

To initiate the regeneration, the government invests on building better parking systems, from underground collective parking to individual drive-in garages. Some basic infrastructure such as the water, gas and electricity network will also be rebuilt to improve the living standard and set a basis for further development.



FASE 1

“Para iniciar a regeneração, o governo investe na construção de melhores sistemas de estacionamento, desde o estacionamento coletivo subterrâneo até as garagens individuais de drive-in. Algumas infraestruturas básicas, como a rede de água, gás e eletricidade, também serão reconstruídas para melhorar o padrão de vida e estabelecer uma base para o desenvolvimento futuro.”

FIGURA 23: Fase 1 do projeto
(Fonte: Site MVRDV)

PHASE 2

Along with the construction of the main road, some old courtyards will be demolished or trimmed by the new layout. To recall the traditional hutong fabric, the edge project will be introduced into the site. The footprint and volume of the demolished courtyard will be traced by painting on the ground or rebuilding with new material. While recalling the demolished cases, some heritage courtyards that are worthy of preservation will be evaluated and implemented. This phase is still predominantly funded by the government and hopefully will attract new visitors.



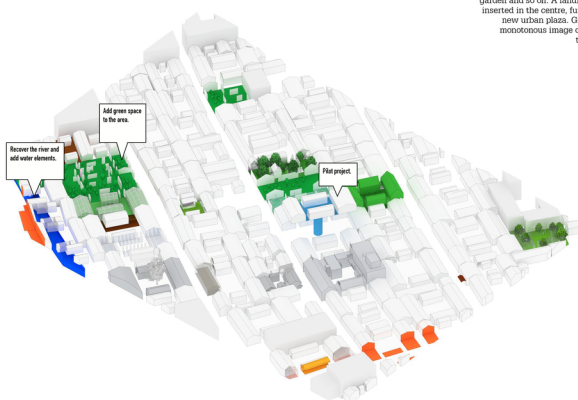
FASE 2

“Juntamente com a construção da estrada principal, alguns pátios antigos serão demolidos ou aparados pelo novo layout. Para recordar o tradicional tecido hutong, o projeto de borda será introduzido na área. O desenho e o volume do pátio demolido serão traçados pela pintura no chão ou pela reconstrução com material novo. Ao recordar os demolidos, alguns pátios patrimoniais dignos de preservação serão avaliados e implementados. Esta fase ainda é predominantemente financiada pelo governo e esperamos atrair novos visitantes.”

FIGURA 24: Fase 2 do projeto
(Fonte: Site MVRDV)

PHASE 3

To rebuild the public space is the main task of this phase. The old canal is recovered along with some water interventions. Empty plots are patched with various green projects like a rain park, a jungle house, mini golf, a birds garden and so on. A landmark will be inserted in the centre, functioning as new urban plaza. Gradually, the monotonous image of the area is transformed.



FASE 3

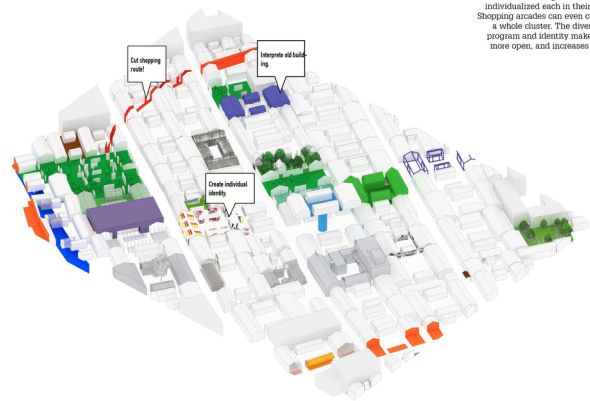
“Reconstruir o espaço público é a principal tarefa deste lugar desta fase. O antigo canal é recuperado junto com algumas intervenções com o tema da água. Parcelas vazias são preenchidas com vários projetos verdes como um parque de ruína, uma casa de selva, mini golfe, um jardim de pássaros e assim por diante. Um marco será inserido no centro, funcionando como nova praça urbana. Gradualmente, a imagem monótona da área é transformada.”

FIGURA 25: Fase 3 do projeto
(Fonte: Site MVRDV)

FASE 4

“À medida que o ambiente de vida melhora, mais desenvolvedores privados são atraídos. Sob seu investimento, vários programas públicos e comerciais serão adicionados à área. Mais e mais pátios vão se regenerar com nova identidade. Os edifícios antigos são interpretados ou individualizados, cada um à sua maneira. As galerias comerciais podem cortar um quarteirão inteiro. A diversidade do programa e identidades torna a área mais aberta e aumenta a quantidade de visitantes.”

► FIGURA 26: Fase 4 do projeto
(Fonte: Site MVRDV)



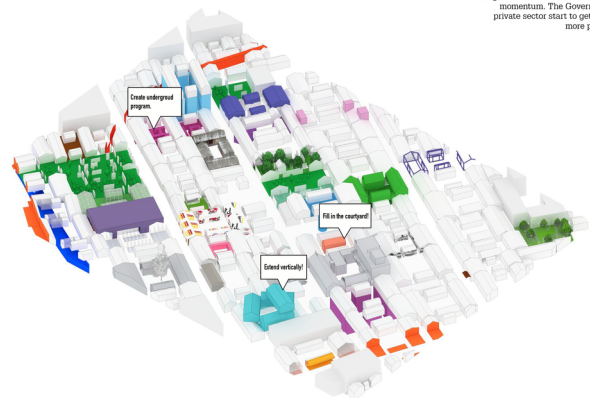
PHASE 4

As the living environment improves, more private developers are attracted. Under their investment, various public and commercial programs will be added to the area. More and more courtyards will regenerate with new identity. Old buildings are interpreted or individualized each in their own way. Shopping arcades can even cut through a whole cluster. The diversity of the program and identity makes the area more open, and increases the visitor amount.

FASE 5

“Os volumes existentes não são suficientes para acomodar a densificação. Nesta fase, a densidade da área será aumentada pela extensão do espaço verticalmente para cima e para baixo, a medida que o crescimento do número de visitantes ganha força. O governo e o setor privado começam a obter cada vez mais lucros.”

► FIGURA 27: Fase 5 do projeto
(Fonte: Site MVRDV)



PHASE 5

The existing volumes is not enough to accommodate densification. In this phase, the density of the area will be increased by extending the space vertically up and underground. Both the growth of number of inhabitants and the growth of number of visitors gather momentum. The Government and private sector start to get more and more profit back.

FASE 6

“Como uma comunidade suficientemente desenvolvida, ela começa a se preocupar mais com estilo de vida e sustentabilidade. Projetos que tenham economia de energia como uma estação de bicicletas, um pátio de alimentos e a purificação da água são introduzidos na área. Ao mesmo tempo, as bibliotecas, os mercados, as quadras esportivas e os jardins de infância são construídos para enriquecer a vida cotidiana. A área está se tornando uma comunidade saudável e sustentável.”

► FIGURA 28: Fase 6 do projeto
(Fonte: Site MVRDV)



PHASE 6

As a sufficiently developed community, it starts to care more about lifestyle and sustainability. Energy-saving projects like a bike station, a food courtyard, and water purification are introduced into the area. At the same time, libraries, markets, sport courts and kindergartens are built to enrich the daily life. The area is becoming a healthy self-growing community.

5.3

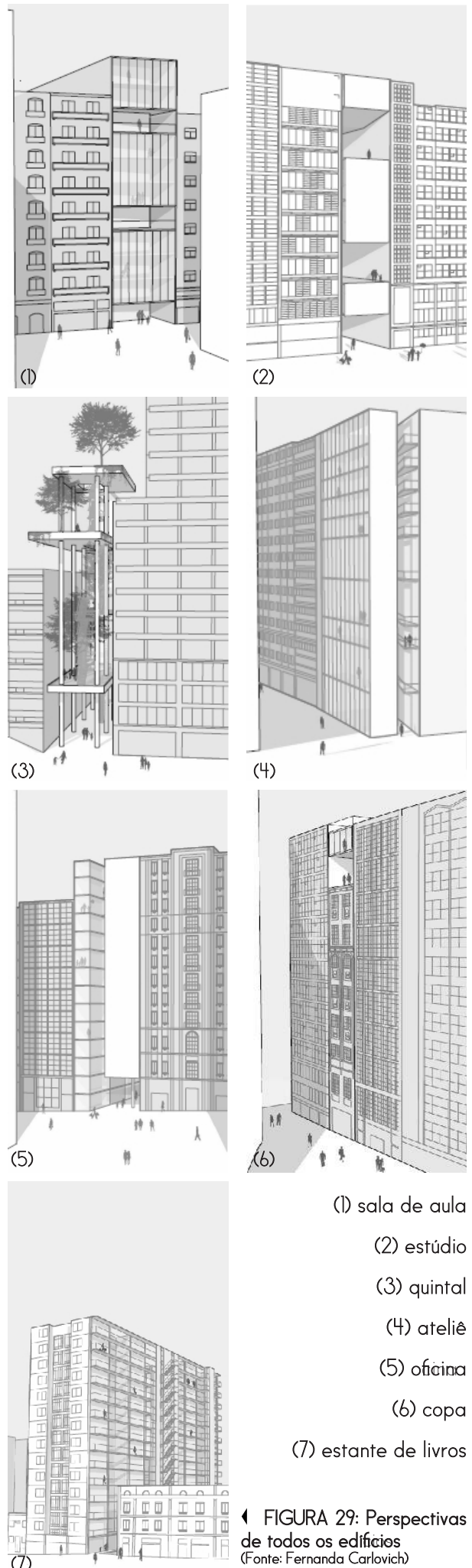
UM EDIFÍCIO EM EXPLOSÃO TFG FAUUSP - FERNANDA CARLOVICH

Orientado pelo professor arquiteto da FAUUSP Angelo Bucci, o projeto realizado no Trabalho Final de Graduação teve como ponto de partida um poema de Mário de Andrade em que ele descreve onde e porquê gostaria que seu corpo fosse sepultado no Centro da cidade São Paulo, e cada parte seria enterrada em um local, que fosse afetivo de alguma maneira. Guiada pela descrição desses lugares, a autora propõe um trajeto que liga esses pontos.

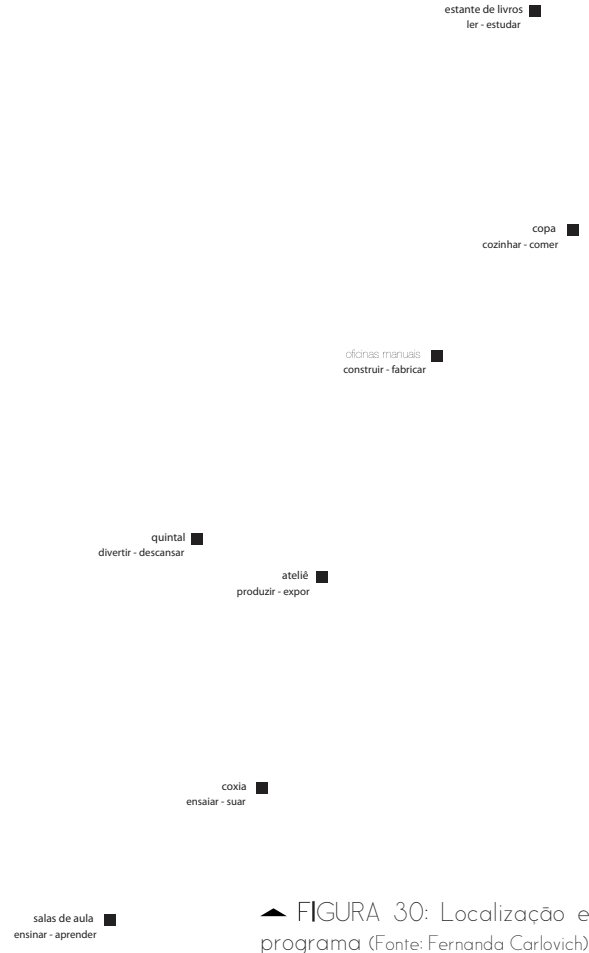
A base conceitual é discussão do espaço público como uma continuação do espaço privado doméstico, em conjunto com a ideia de se propor um edifício com diversos usos que funcionam como essa extensão proposta. Porém, buscou-se fragmentar esse programa nos lugares descritos pelo poeta, de forma que a rua se torna o espaço de circulação que interliga o edifício. Para isso, foi definido um trajeto a partir da ligação desses pontos.

Como havia a necessidade de ter uma unidade projetual, de maneira a caracterizar esses edifícios como um conjunto, a escolha das áreas de intervenção foram entre empenas de prédios do Centro. Além disso, buscou-se uma materialidade e forma em comum, facilitando essa leitura conceitual dos projetos.

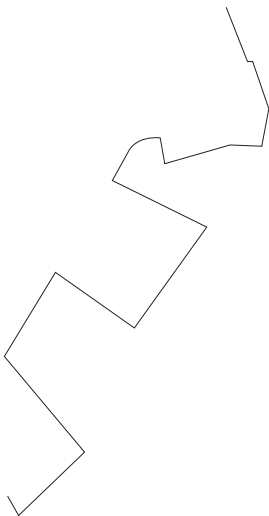
Os usos, definidos a partir das atividades domésticas e criando pretextos para o encontro, foram definidos em espaços de sala de aula, áreas de ensaios musicais, quintal e jardim vertical, ateliês artísticos, oficinas de pequenos ofícios, biblioteca, etc. Os usos de cada edifício foram determinados de acordo com a vocação de cada região. O trabalho contribuiu imensamente no sentido de entender uma implantação em rede, como um sistema de espaços públicos com uma mesma linguagem projetual.



◀ FIGURA 29: Perspectivas de todos os edifícios
(Fonte: Fernanda Carlovich)

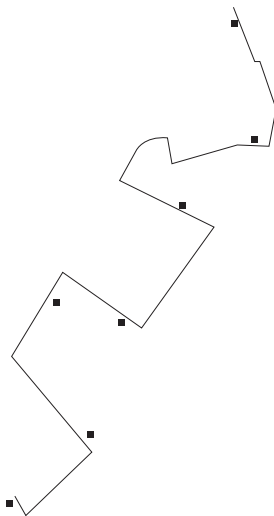


▲ FIGURA 30: Localização e programa (Fonte: Fernanda Carlovich)



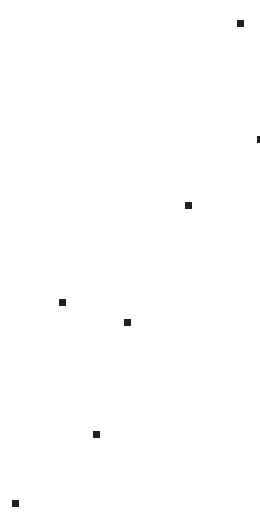
1. síntese

A síntese do percurso feito em uma linha, como se fosse um mapa a seguir, sem referenciais, apenas distâncias e sentidos.



2. pausas

À linha pura, acrescenta-se sete pontos, distantes 500 metros entre si. É a soma da trajetória e suas pausas.



3. edifício

A subtração da linha é a última etapa desse percurso. Do trajeto, restam suas pausas e nessas pausas surge o edifício.

◀ FIGURA 31: Conceito do projeto (Fonte: Fernanda Carlovich)

as propostas

6.1

PROPOSTAS DE ESCALA URBANA

Partindo da intenção projetual de estimular as relações sociais dos moradores dos bairros Martins e Osvaldo Resende, bem como de colocar a rua como o cenário principal para tais práticas, fez-se necessário pensar sua estrutura. Além desse lugar do encontro, a rua também é essencial quando se projeta na escala da vizinhança, já que fornece o suporte para o deslocamento dos moradores, seja a pé, por automóvel ou bicicleta.

Os raios de abrangência entre as áreas de intervenção escolhidas que possuem até 300 metros, foram importantes para traçar uma distância onde o usuário tenha condições físicas de se deslocar confortavelmente. Entretanto, apesar da proximidade física dos equipamentos, as ruas de ambos os bairros carecem de um desenho que seja convidativo à permanência e ao deslocamento, oferecendo pouco conforto ambiental para quem escolhe se deslocar a pé, principalmente.

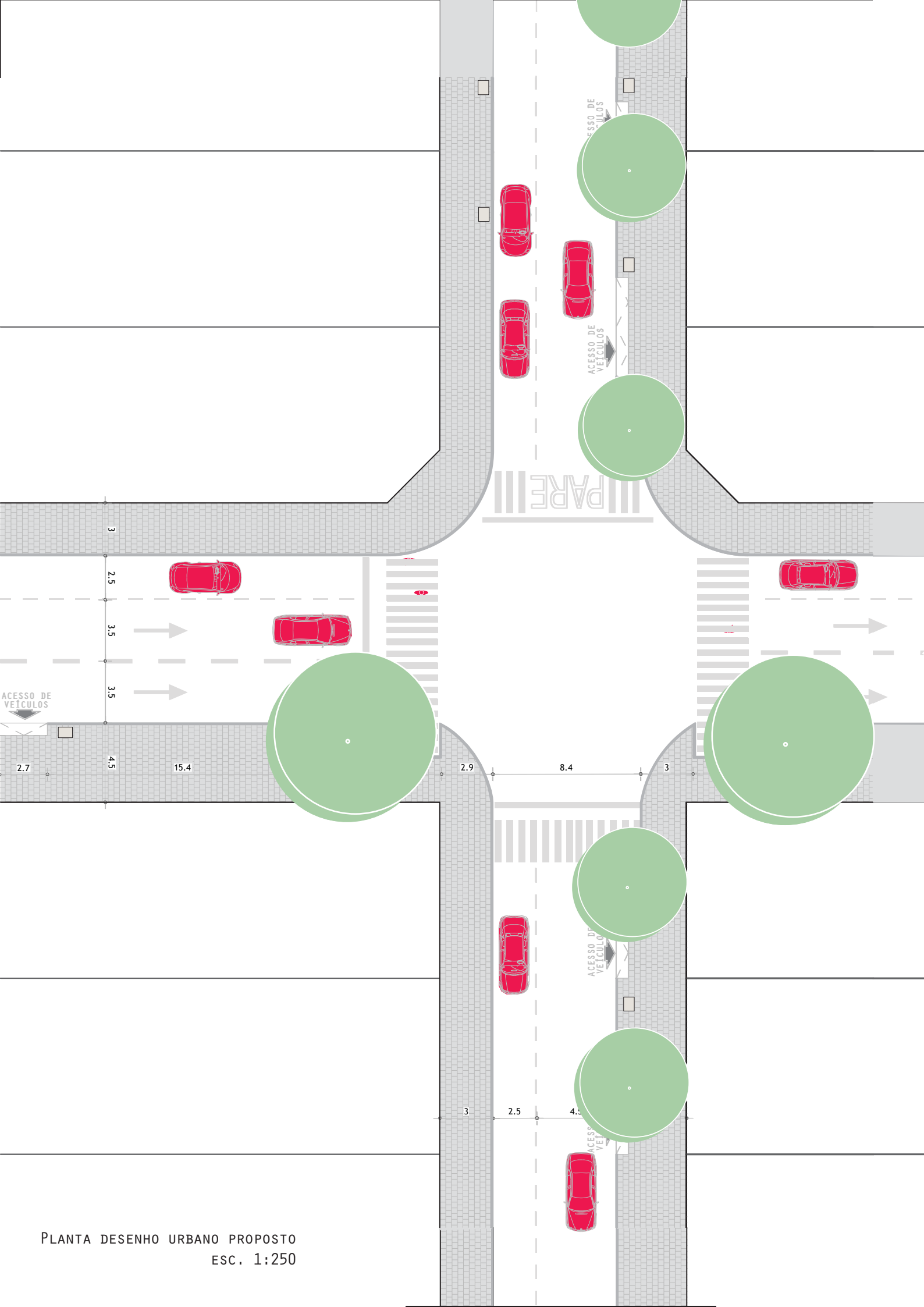
Com o intuito de estimular caminhadas, e integrar ainda mais as áreas de intervenção, foram feitas propostas para as vias locais e coletoras, essenciais do ponto de vista da escala a ser trabalhada. O desenho proposto visa criar um percurso que estimule tanto a permanência das pessoas na rua quanto a caminhada ou o trânsito de bicicletas.



▲ FIGURA 31: Via local
(Fonte: Autora)



▲ FIGURA 32: Via coletora
(Fonte: Autora)

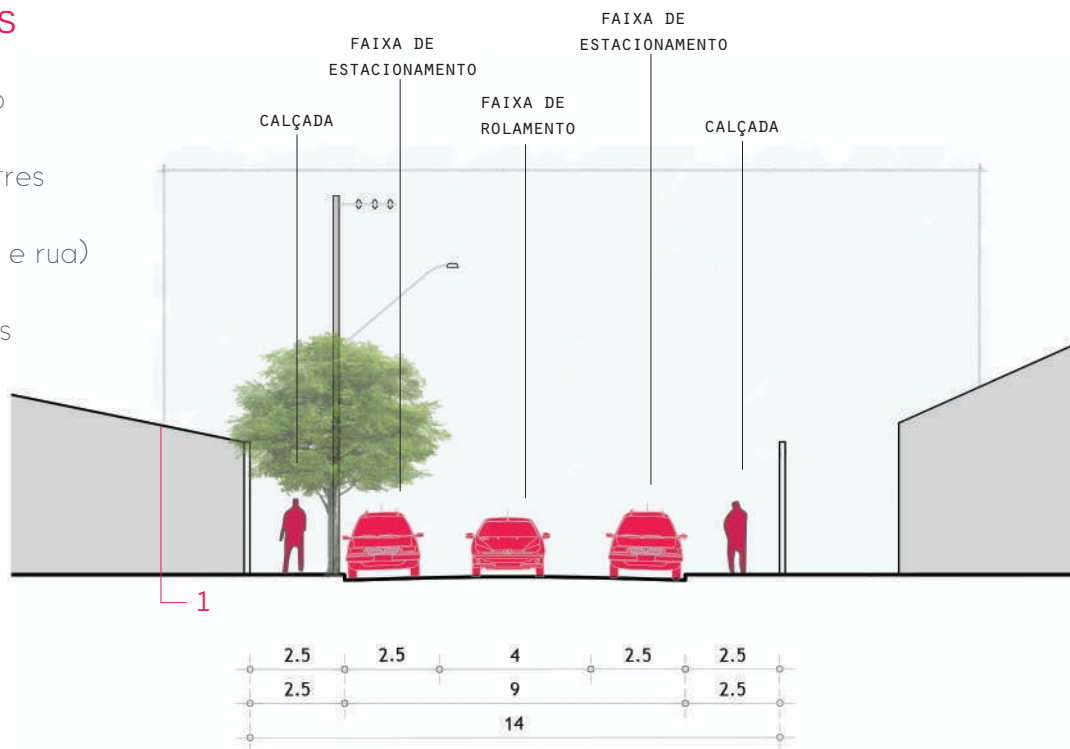


PLANTA DESENHO URBANO PROPOSTO
 ESC. 1:250

PROBLEMÁTICAS

- falta arborização
- conflito carro x pedestres
- impermeabilidade (lote e rua)
- calçadas estreitas

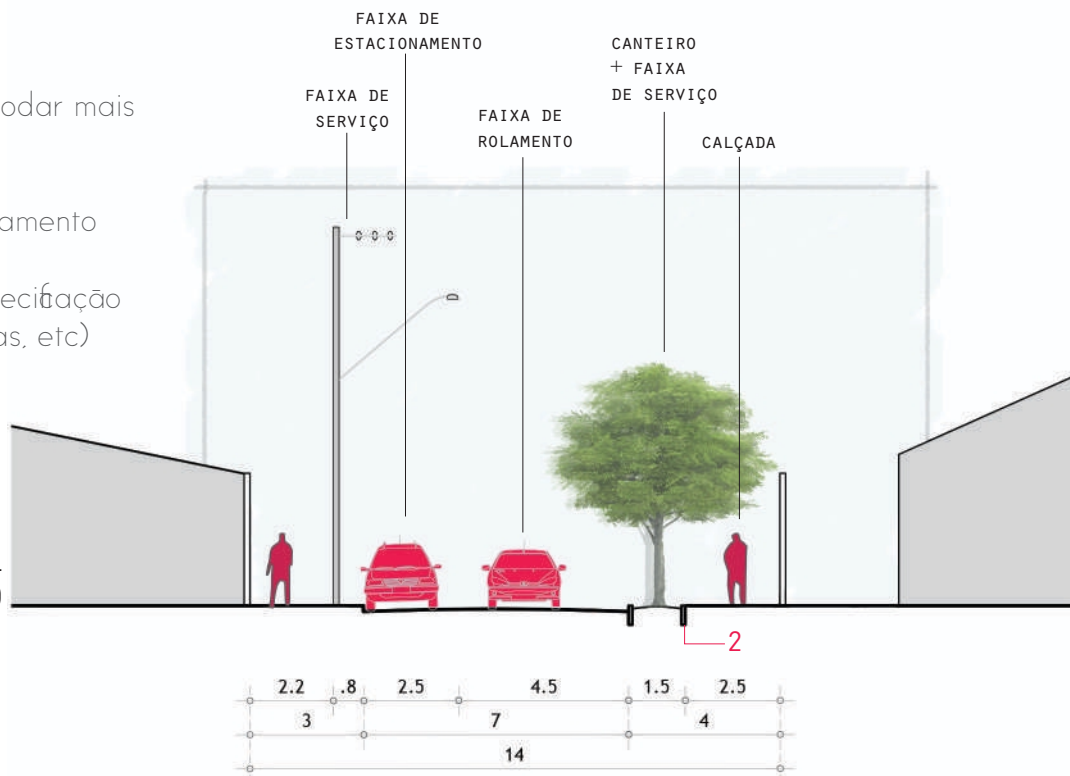
CORTE ATUAL VIA LOCAL
ESC. 1:200



SOLUÇÕES

- desenho canteiro para acomodar mais árvores
- redução área de estacionamento
- ampliação da calçada + especificação de serviços (postes, lixeiras, etc)

CORTE PROPOSTA VIA LOCAL
ESC. 1:200



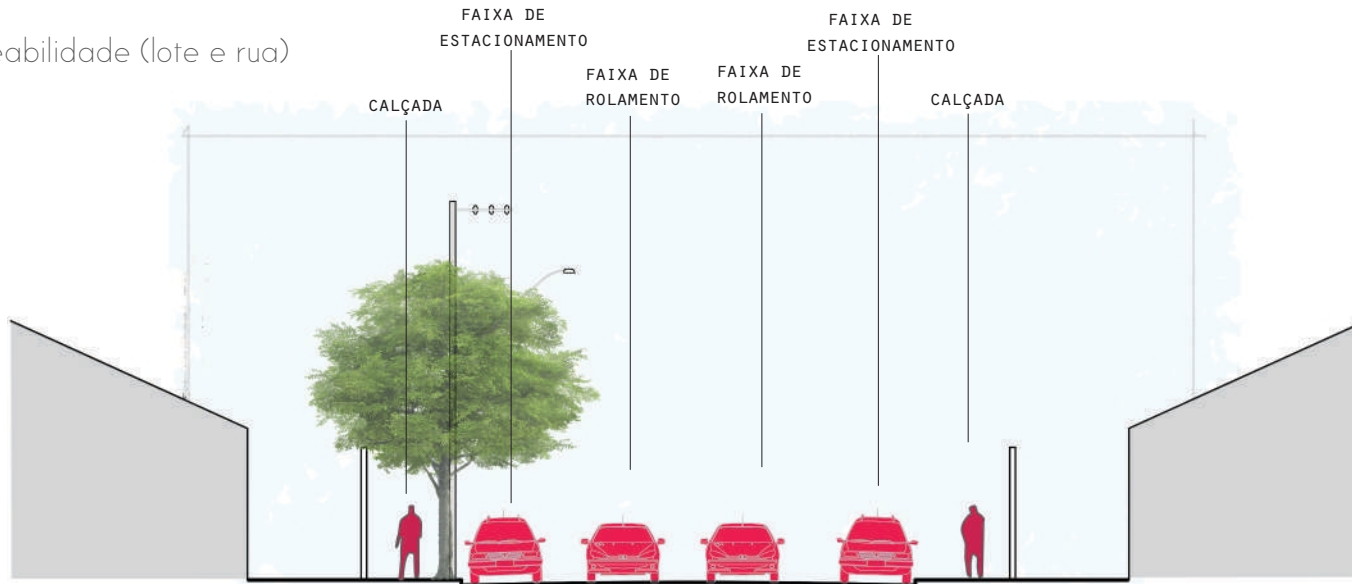
- 1 - COBERTURA DO AFASTAMENTO FRONTAL PARA GARAGEM - SITUAÇÃO COMUM NA ÁREA, ACARRETA DIMINUIÇÃO DA PERMEABILIDADE DO SOLO
- 2 - ELEMENTO DE ALVENARIA DE BARRO PARA DIRECIONAR AS RAÍZES DAS ÁRVORES (GOUVÊA, 2008)

PROBLEMÁTICAS

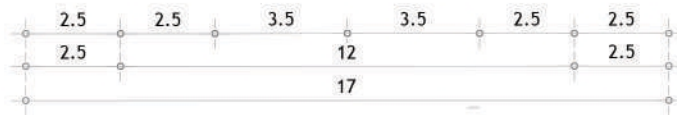
falta arborização

conflito carro x pedestres

impermeabilidade (lote e rua)



CORTE ATUAL VIA COLETORA
ESC. 1:200

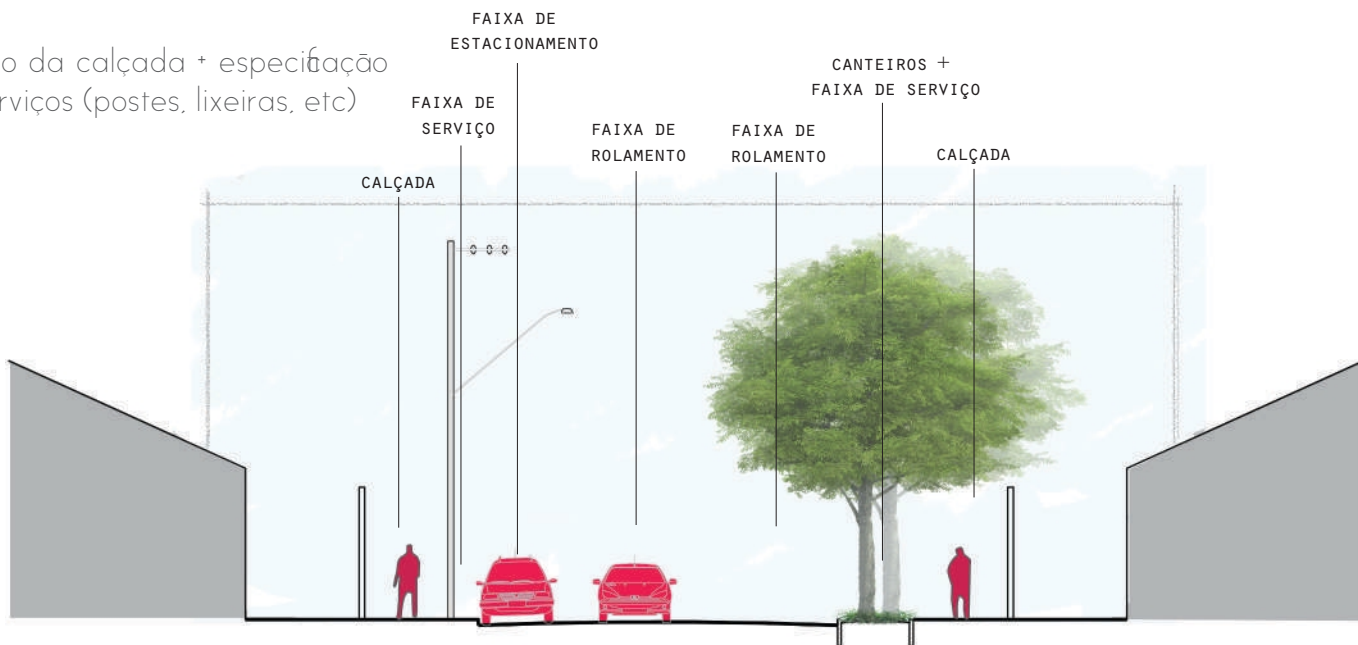


SOLUÇÕES

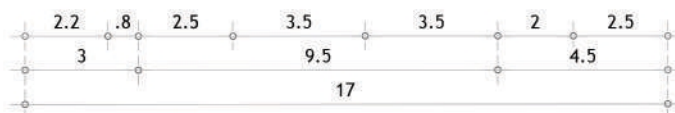
desenho canteiro para acomodar mais árvores

redução área de estacionamento

ampliação da calçada + especificação de serviços (postes, lixeiras, etc)



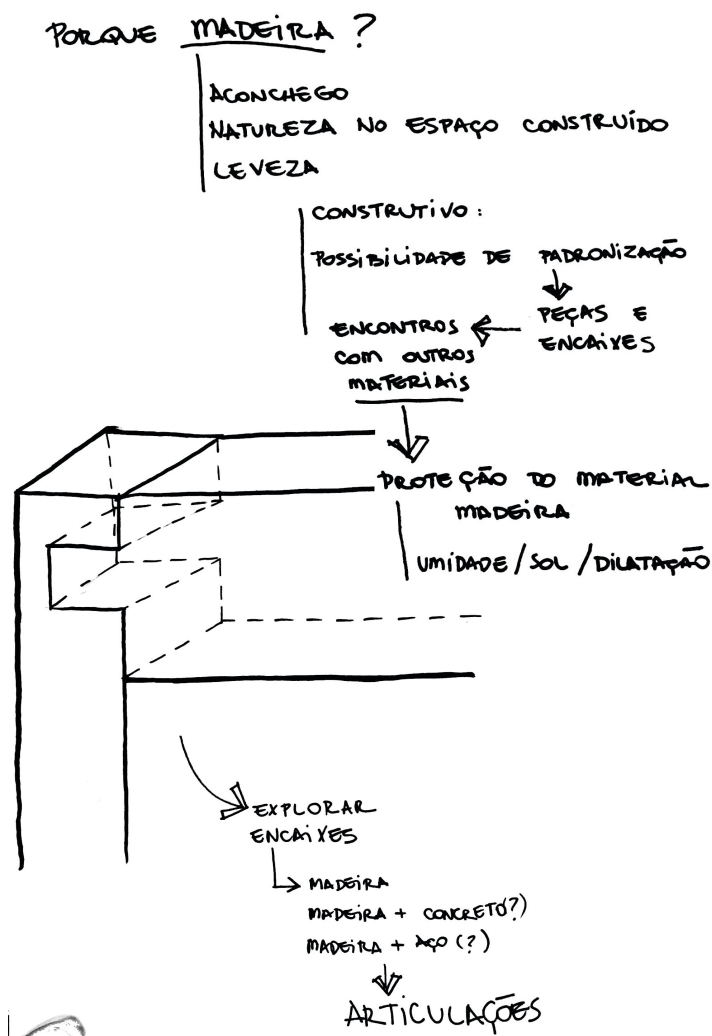
CORTE PROPOSTA VIA COLETORA
ESC. 1:200



A ideia primordial do projeto é criar a uma unidade que permeie desde os espaços de convívio da rua até os edifícios. Além disso, há uma procura por uma arquitetura acolhedora, passível de apropriações diversas, dinâmica e com um alto grau de racionalização, visto que será repetida em vários terrenos.

Para alcançar estes anseios, pensou-se na utilização do material madeira, tanto pela sensação de aconchego que confere ao espaço, humanizando o ambiente; quanto pela capacidade de se pensar peças que e encaixes padronizados. A estrutura modular seria a opção mais viável para o projeto, utilizando vãos de até 5 metros, a madeira maciça seria a melhor solução.

Para maior durabilidade, pensou-se a combinação da madeira com outros elementos estruturais, como concreto ou aço.



▲ FIGURA 33: Croquis de estudo parklet
(Fonte: Autora)

PROJETOS COM GRID DE MADEIRA



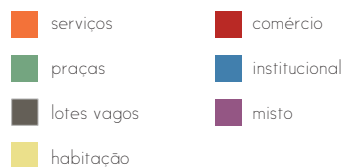
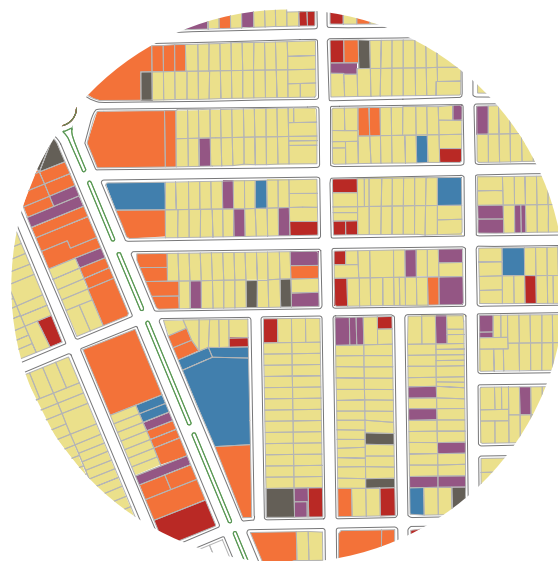
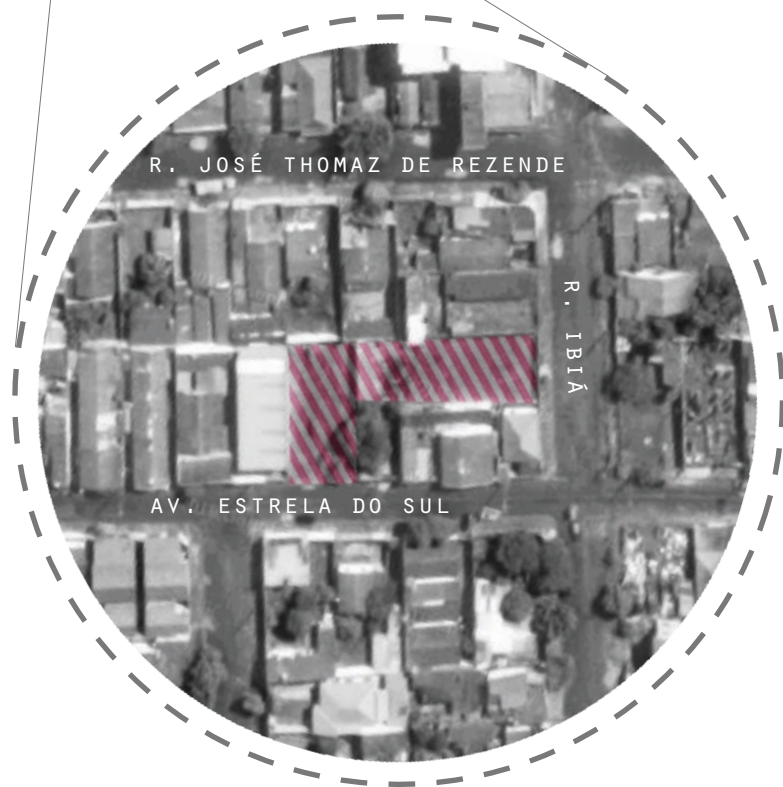
▲ FIGURA 34: Faculdade de Projeto Ambiental - UC Berkeley + Kengo Kuma & Associates. (Fonte: ArchDaily)



▲ FIGURA 35: Residência El Bordo - Sun Arquitectos (Fonte: ArchDaily)



▲ FIGURA 36: House in Shinkawa - Yoshichika Takagi (Fonte: ArchDaily)



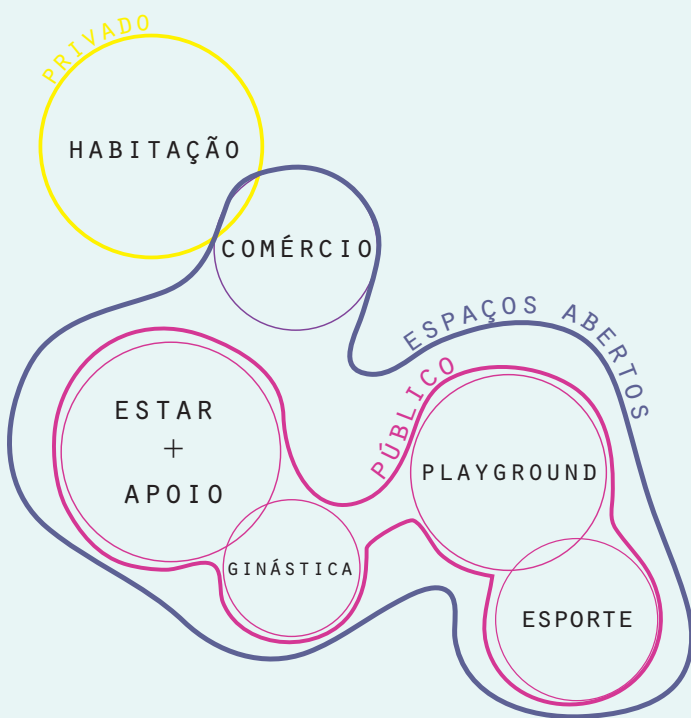
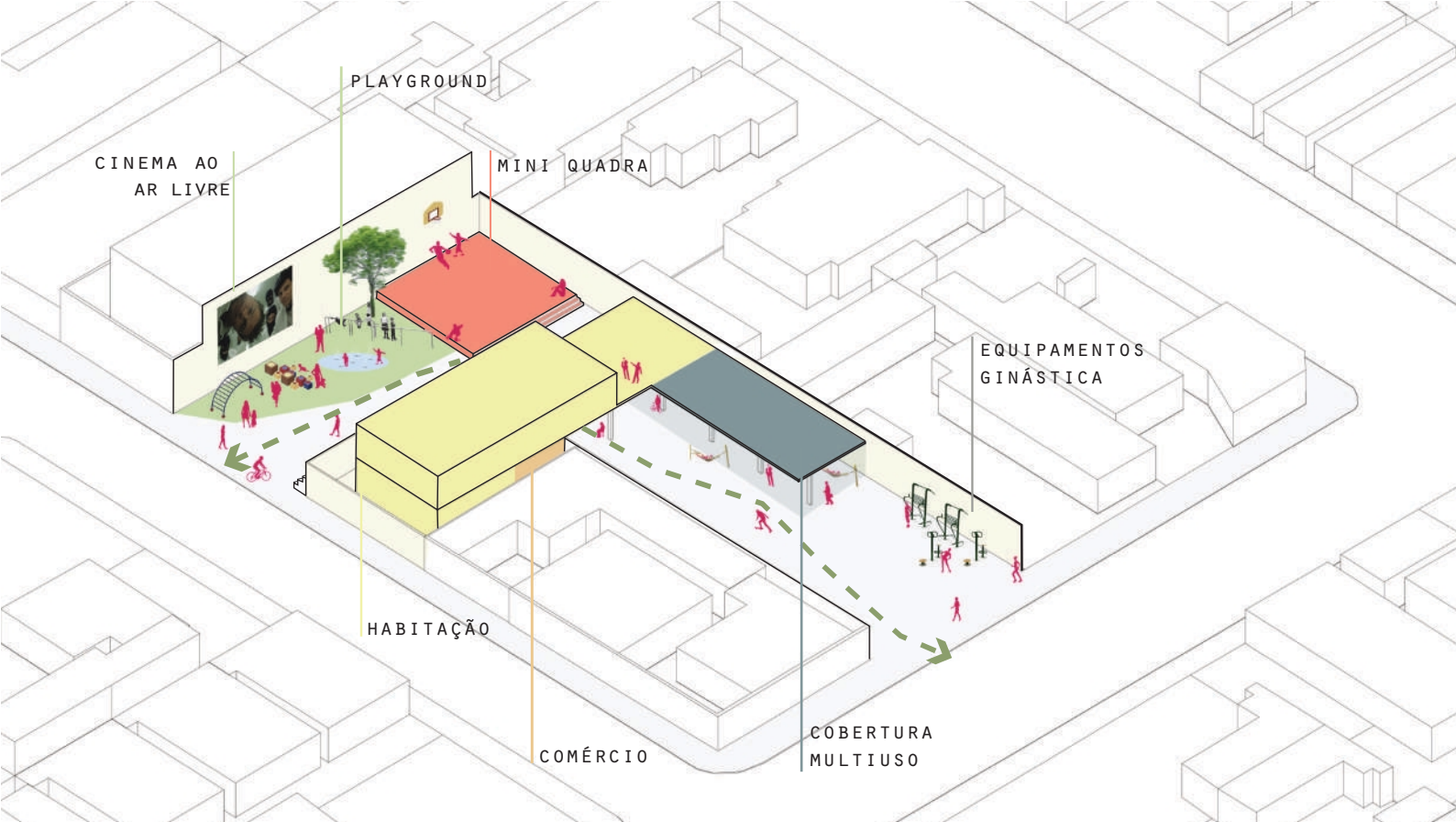
▲ FIGURA 37: imagem aérea
(Fonte: Google Earth)

PROBLEMÁTICAS

- conflito de usos (residencial e industrial)
- trânsito e parada de caminhões no entorno da BR 365 e da Av. Marcos de Freitas Costa
- fronteiras promovidas por muros extensos e eixos viários, sensação de insegurança
- carência de espaços de lazer e equipamentos públicos
- poluição ambiental, sonora e visual
- pouca arborização urbana

POTENCIALIDADES

- grande fluxo e permanência de trabalhadores e moradores na rua
- apropriação da rua como extensão do ambiente doméstico (reuniões, conversas, mobiliário improvisado)
- crianças utilizando a rua como espaço de lazer aos finais de semana (menos trânsito)
- pequenos comércios como bares e mercearias, restaurantes, comércios estabelecidos junto às residências



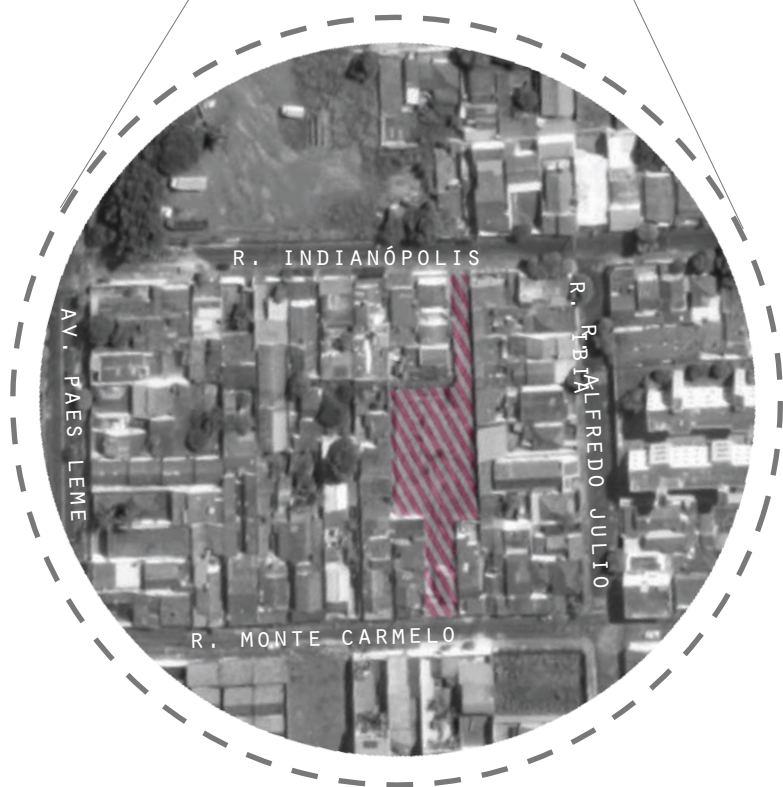
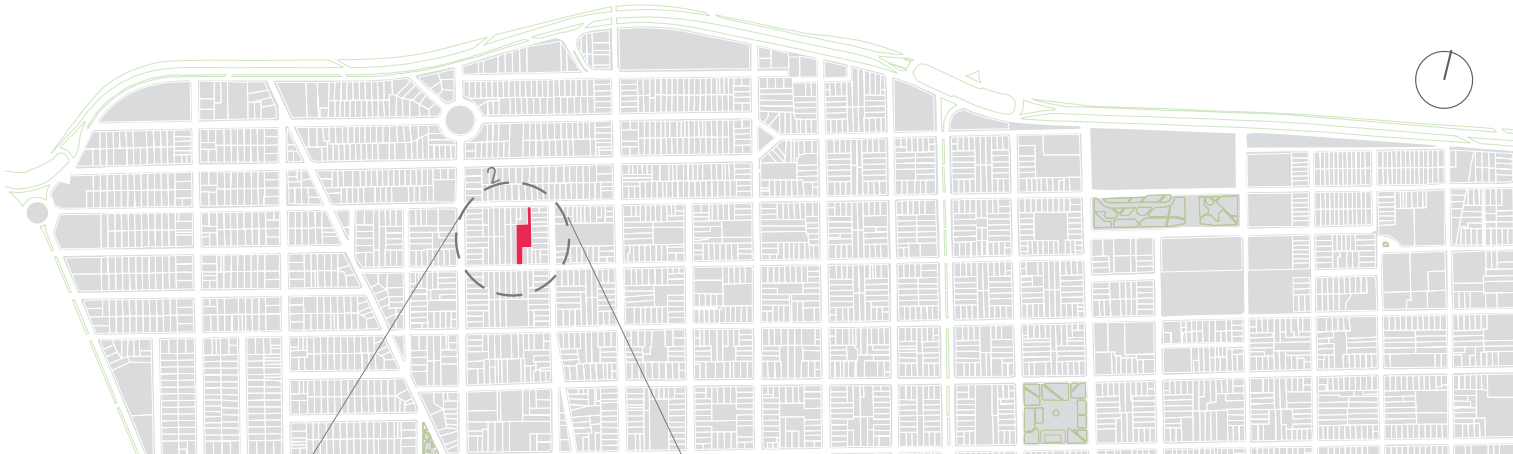
PROPOSTA:

promover um espaço multiuso que atenda as necessidades de vários públicos locais

cobertura multiuso - espaço com bancada e equipamentos para esquentar as marmitas dos trabalhadores + espaço de descanso + lazer

habitação - afim de promover uma integração entre dois vazios formando um L, seria preciso utilizar parte do terreno do meio onde há uma habitação. Como forma de evitar a remoção dos moradores, pensou-se em aproveitar os fundos da casa para o comércio e utilizou-se totalmente o potencial construtivo do lote.





▲ FIGURA 38: imagem aérea
(Fonte: Google Earth)

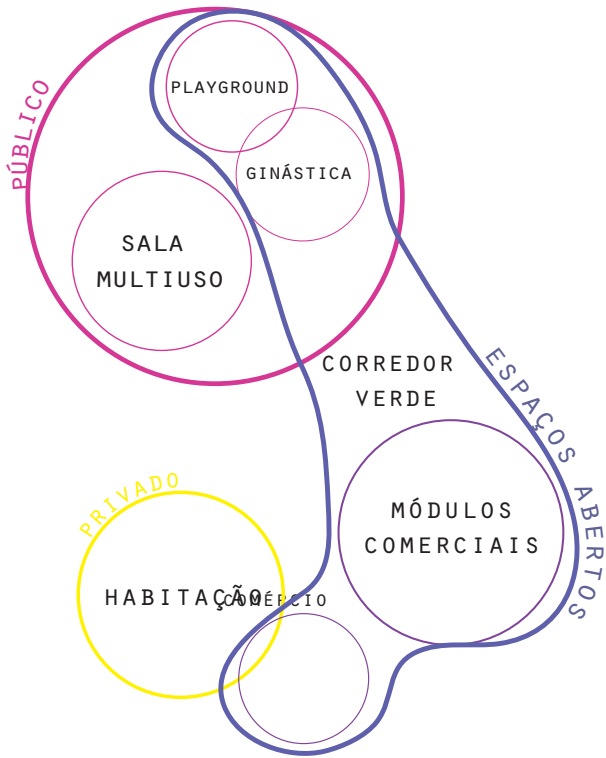
PROBLEMÁTICAS

- insegurança por parte dos moradores
- quantidade de vazios significativa
- carência de espaços de lazer e equipamentos públicos
- apesar de ser uma das áreas mais arborizadas ainda é insuficiente para garantir o conforto ambiental nas caminhadas

POTENCIALIDADES

- grande fluxo e permanência de moradores na rua
- apropriação da rua como extensão do ambiente doméstico (reuniões, conversas, mobiliário improvisado)
- presença marcante de idosos das ruas
- pequenos comércios como brechós, mercearias, salão de cabeleleiro, costureiras, etc (comércio acontece como extensão da casa)
- fácil acesso ao transporte público

FLUXOGRAMA



PROPOSTA:

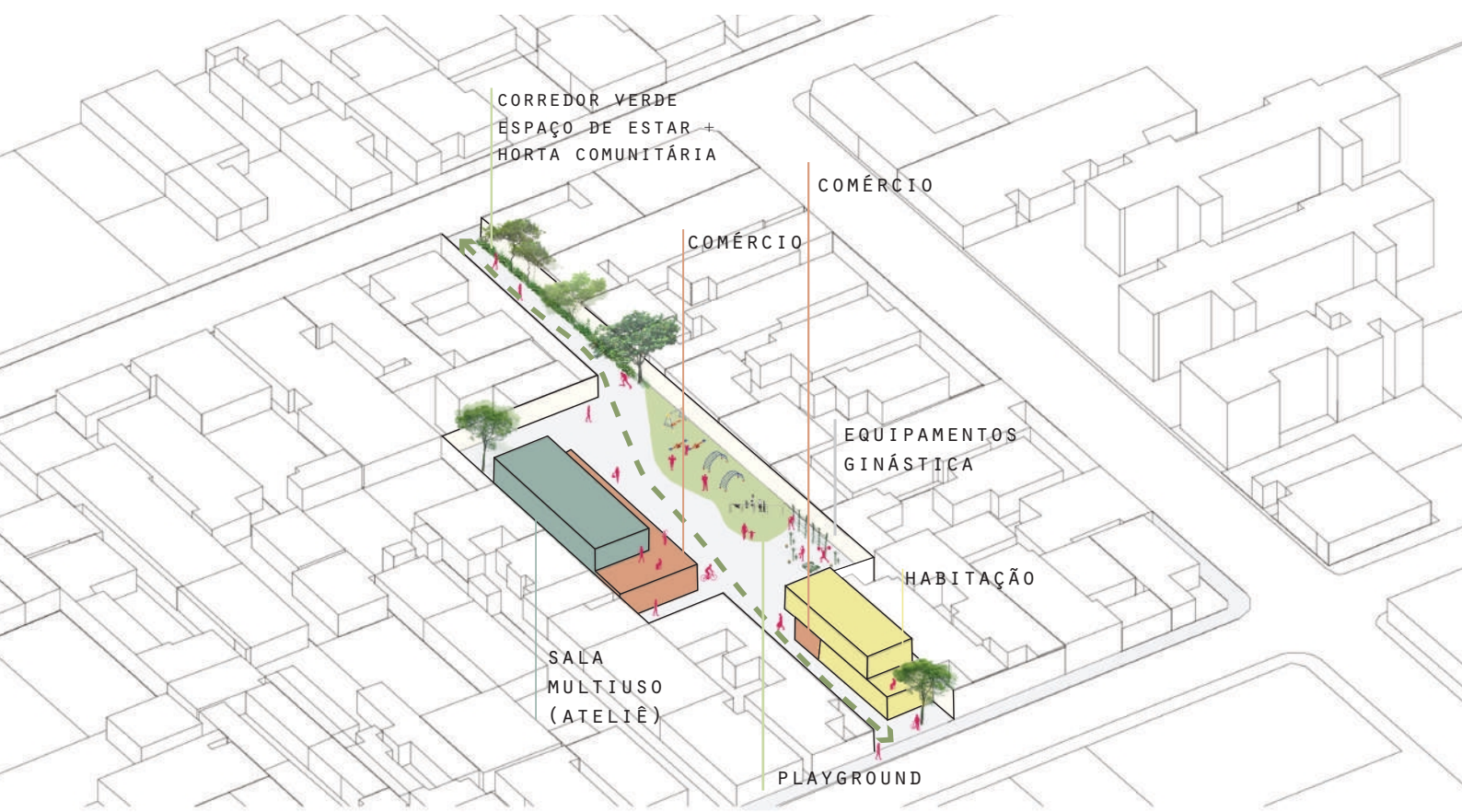
atender diversas faixas etárias (programa diversificado);
local de encontros, potencializado pelos módulos comerciais e de serviço

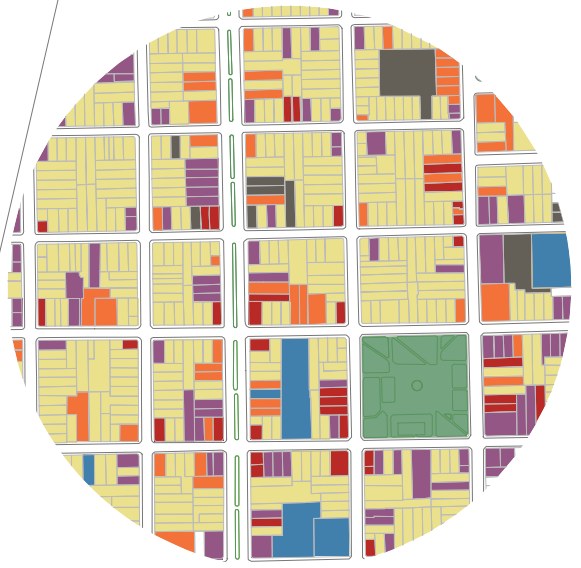
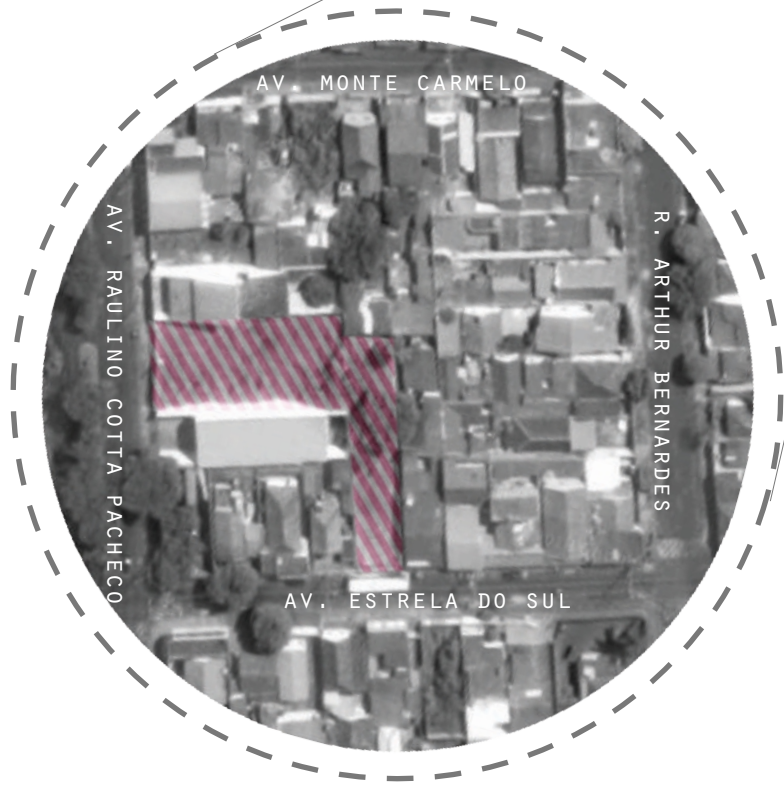
ateliê - sala com infraestrutura para cursos, como pintura, bordado e artes em geral

módulos comerciais - o térreo do volume é ocupado por módulos de comércio e serviço diversos como (costureira, chaveiro, bicicleteiro, barbeiro, etc) de modo a potencializar o uso desse espaço.

habitação - para possibilitar que o espaço corte a quadra, seria preciso utilizar um dos terrenos onde há uma habitação. Como forma de evitar a remoção dos moradores, pensou-se em aproveitar os fundos da casa para o comércio, utilizou-se totalmente o potencial construtivo do lote com uma implantação em fa .

CROQUIS





- serviços
- praças
- lotes vagos
- habitação
- comércio
- institucional
- misto

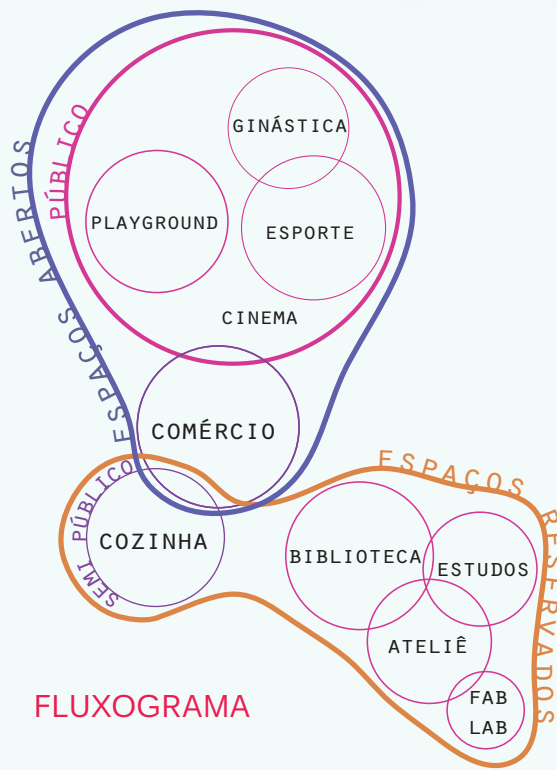
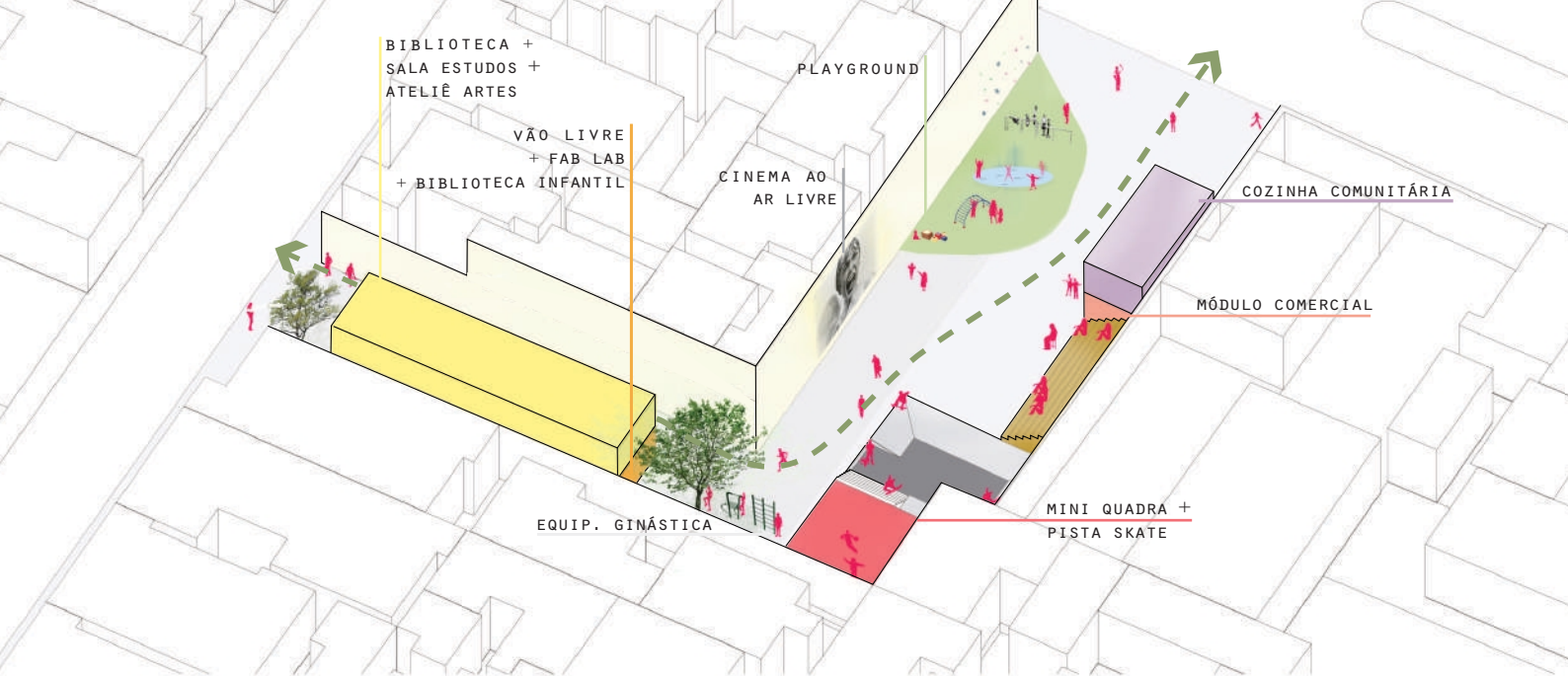
▲ FIGURA 39: imagem aérea
(Fonte: Google Earth)

PROBLEMÁTICAS

- insegurança por parte dos moradores, especialmente na praça Nicolau Feres
- trânsito intenso de veículos automotores na Av. Raulino Cotta Pacheco
- faltam equipamentos de lazer para crianças e jovens, além da praça Nicolau Feres

POTENCIALIDADES

- grande fluxo e permanência de moradores e trabalhadores nas ruas
- movimento intenso de crianças e adolescentes após as aulas, porém faltam espaços qualificados e seguros
- combinação de usos diversos, edifícios mistos, potencializam o uso da rua em diversos horários
- fácil acesso ao transporte público



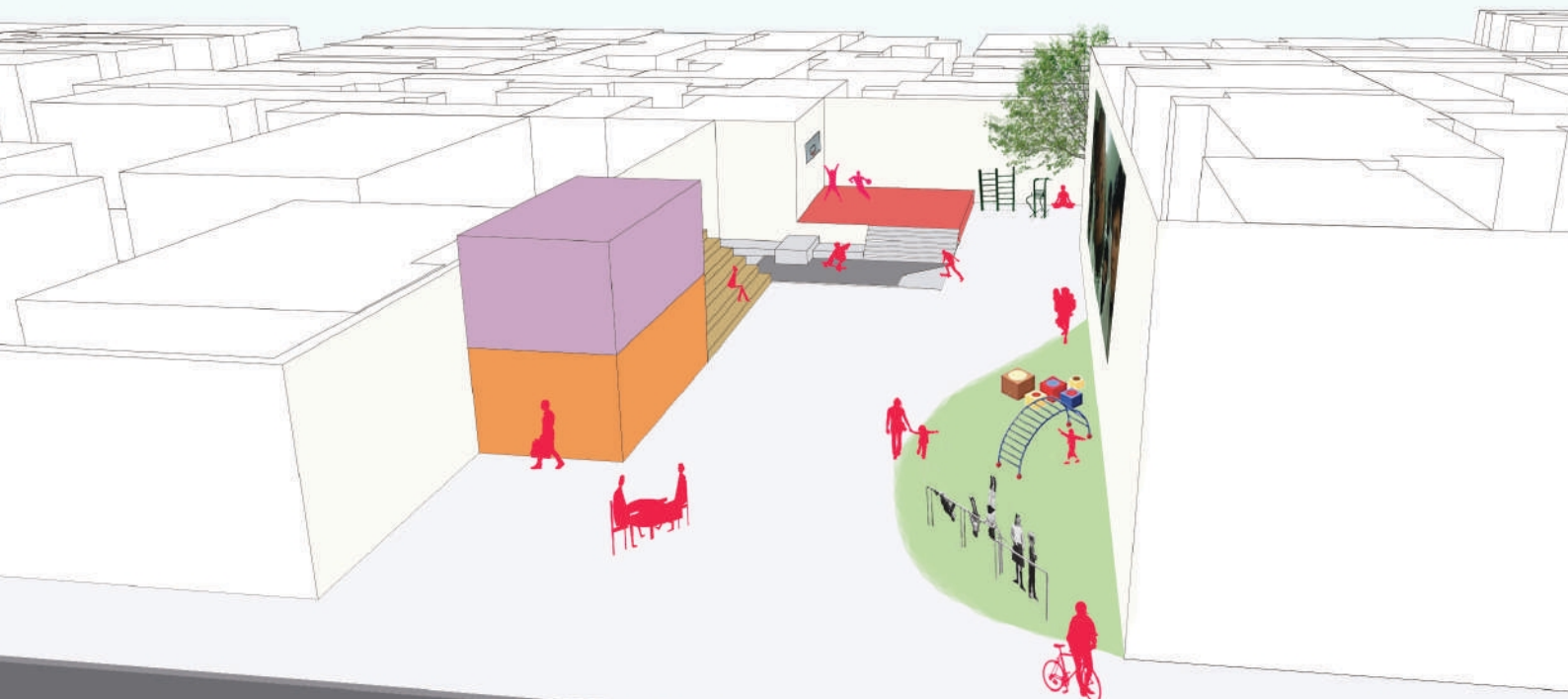
PROPOSTA:

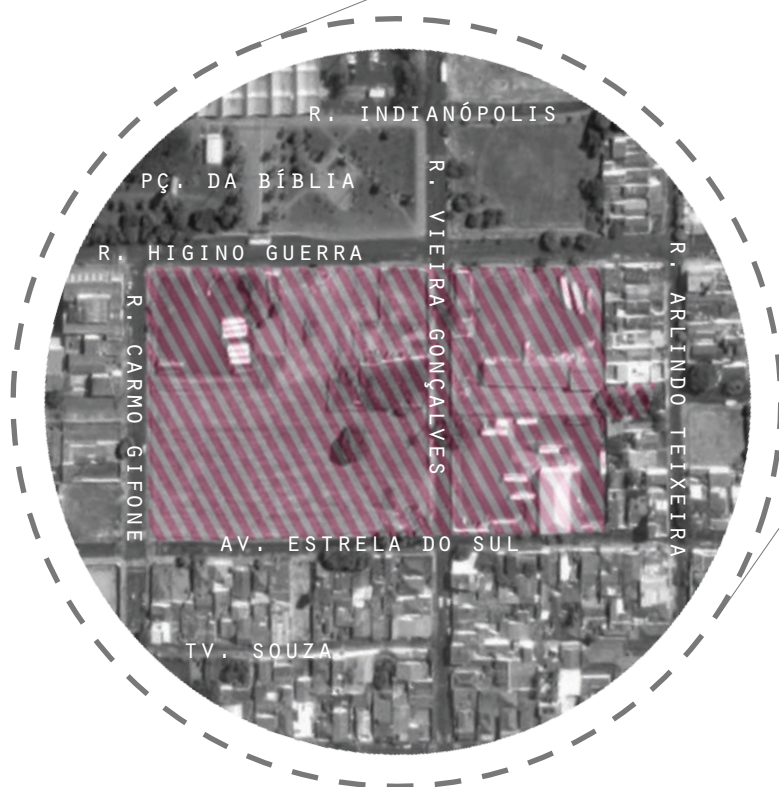
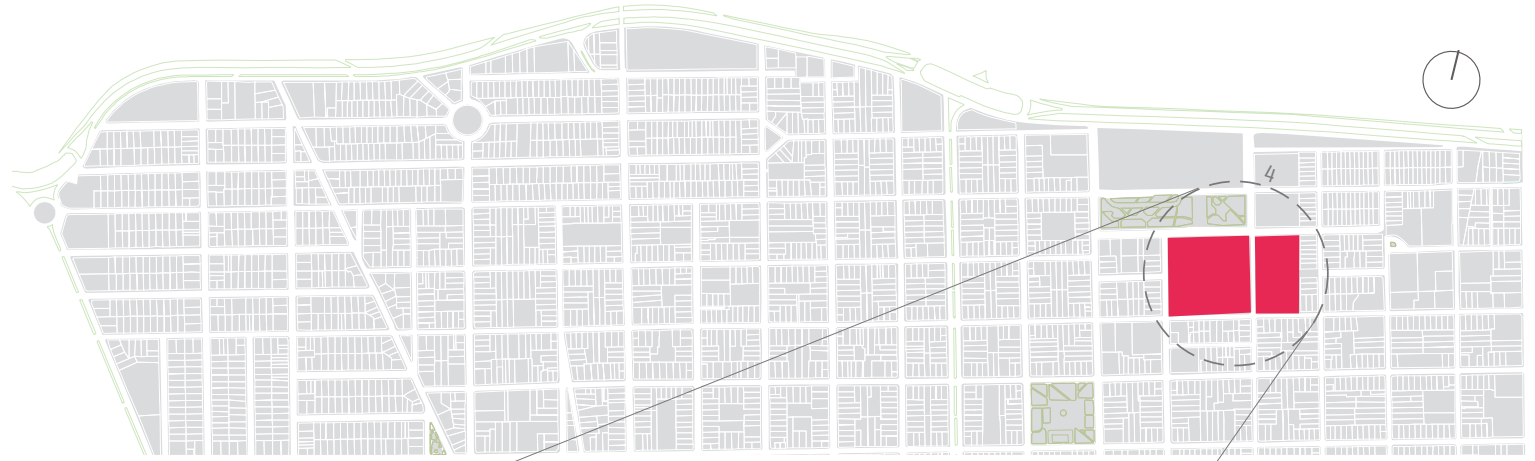
atender diversas faixas etárias (programa diversificado);
 promover educação e cultura para jovens;
 reavivar a região no período noturno com comércio e cinema;

fab lab - produção independente de protótipos;

cozinha comunitária - o usuário reserva a diária para preparo de refeições que podem ser comercializadas no espaço;

comércio - preferencialmente bar ou lanchonete que funcione no período noturno





- serviços
- praças
- lotes vagos
- habitação
- comércio
- institucional
- misto

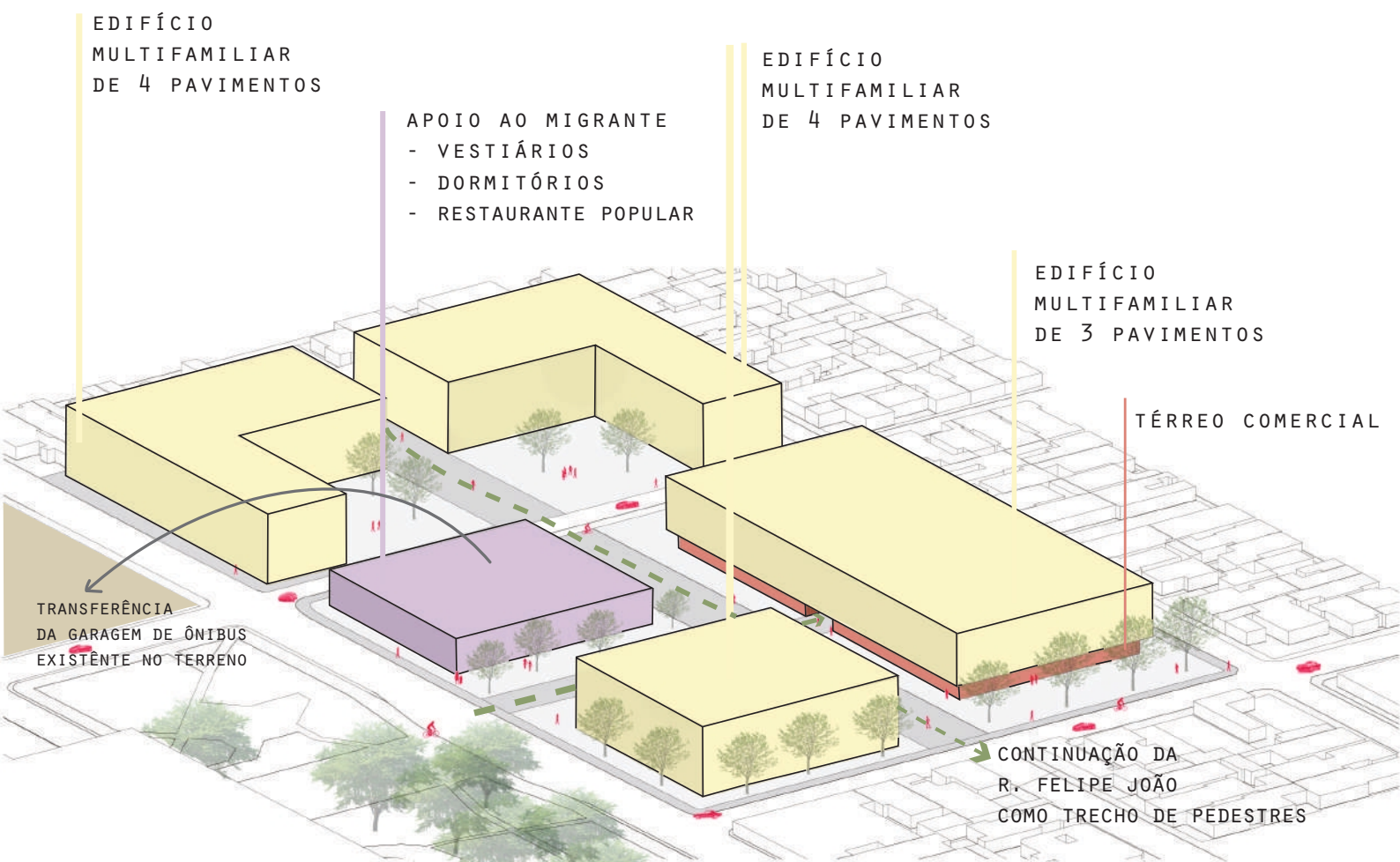
▲ FIGURA 40: imagem aérea
(Fonte: Google Earth)

PROBLEMÁTICAS

- insegurança por conta dos grandes vazios no entorno do Terminal Rodoviário
- vulnerabilidade social (moradores de rua)
- proximidade com a BR 365
- carência de equipamentos para apoio de migrantes recém chegados na cidade
- possui trechos mal iluminados e ermos no período noturno

POTENCIALIDADES

- grande fluxo e permanência de moradores e trabalhadores nas ruas
- diversificação de usos devido à presença do Terminal Rodoviário
- fácil acesso por transporte público



EDIFÍCIO
MULTIFAMILIAR
DE 4 PAVIMENTOS

APOIO AO MIGRANTE
- VESTIÁRIOS
- DORMITÓRIOS
- RESTAURANTE POPULAR

EDIFÍCIO
MULTIFAMILIAR
DE 4 PAVIMENTOS

EDIFÍCIO
MULTIFAMILIAR
DE 3 PAVIMENTOS

TÉRREO COMERCIAL

TRANSFERÊNCIA
DA GARAGEM DE ÔNIBUS
EXISTENTE NO TERRENO

CONTINUAÇÃO DA
R. FELIPE JOÃO
COMO TRECHO DE PEDESTRES



- serviços
- praças
- lotes vagos
- habitação
- comércio
- institucional
- misto

▲ FIGURA 41: imagem aérea
(Fonte: Google Earth)

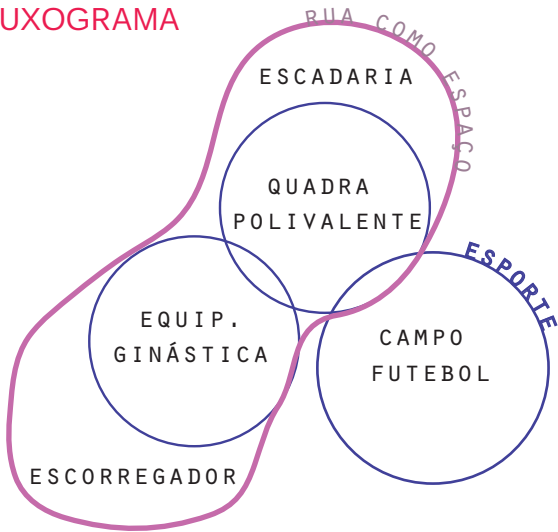
PROBLEMATÍCAS

- proximidade com a BR 365
- carência de equipamentos públicos e de lazer, áreas livres
- escadaria pode ser um elemento de insegurança
- trecho com muitas residências, ermo à noite

POTENCIALIDADES

- escadaria pode se tornar um elemento potencial visual na paisagem urbana, possibilita cortar trajetos
- potencializar a permanência das pessoas que utilizam o edifício dos Correios

FLUXOGRAMA



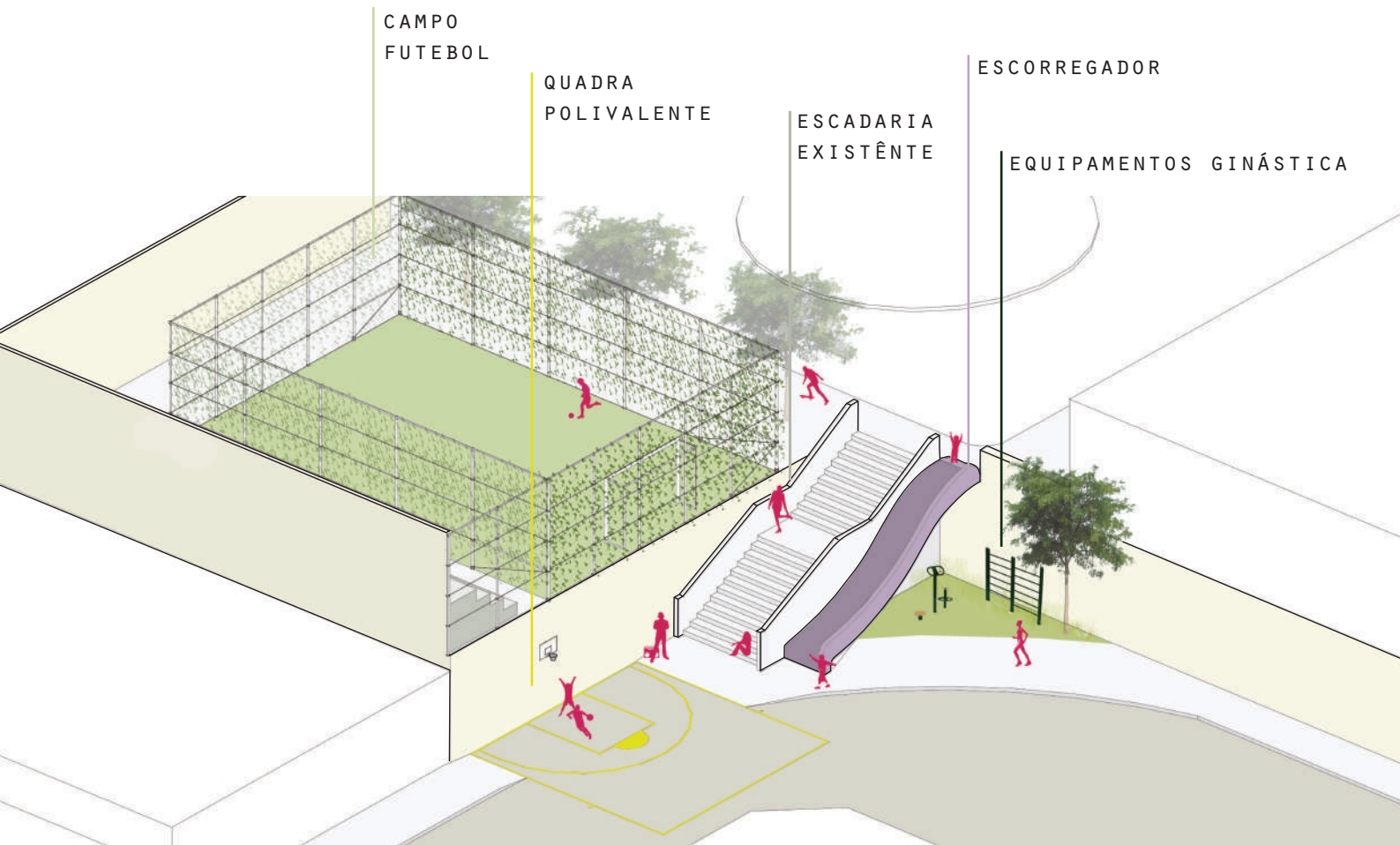
PROPOSTA:

promover a área como um grande espaço de encontro por meio do esporte;

quadra polivalente - segundo modelos de desenho colocados por Gouvêa (2008), a quadra polivalente pode acontecer em ruas com menor trânsito de veículos, pintadas no chão. Neste caso o próprio desnível do local e a escadaria serviram como suporte para este uso.

escorregador - anexado à escadaria colocou-se um escorregador com o intuito de trazer o lúdico para o projeto, não só para as crianças.

arquibancada - não só para assistir as partidas de futebol como também para descanso ou reunião a qualquer hora.



as referências

LIVROS

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson e VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 4ª edição. São Paulo: Eduff, 2017.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GOUVÊA, Luiz Alberto. *Cidade Viva: Curso de desenho ambiental urbano*. São Paulo: Nobel, 2008.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LERNER, Jaime. *Acupuntura Urbana*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEVEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro editora, 2010.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MARICATO, Ermínia. *Para entender a crise urbana*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

PANERAI, Philippe. *Análise urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

ROGERS, Richard. *Cidades para um pequeno planeta*. São Paulo: G Gili, 2016.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, p. 63-67, 1995.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracury Cavalcanti et al (Org.). *Cidade, cultura e urbanidade*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. Disponível em: <https://issuu.com/jovankabaracuhy/docs/jovanka_editado_final_2.pdf.docx>. Acesso em: 25 maio 2018.

TESES

SILVA JUNIOR, Renato Jales. *Direito à memória: modos de viver e morar em Uberlândia entre as décadas de 1960 a 1980*. 2013. 204 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

DISSERTAÇÕES

MARTINHO, Joana Isabel Pereira. *O espaço para a criança na cidade: um estudo crítico a partir da experiência de Aldo Van Eyck*. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77440/2/33542.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

PAIVA, Lincoln. Urbanismo caminhável: A caminhabilidade como prática para a construção de lugares. 2017. 427 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Pós Graduação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

SOARES, Beatriz, R. Habitação e produção do espaço em Uberlândia. 1988. 225f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

SOUZA, Marcus Vinicius Mariano de. Cidades médias e novas centralidades: análise dos subcentros e eixos comerciais de Uberlândia (MG). 2009. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

MONOGRAFIAS

CARLOVICH, Fernanda. Projeto de um edifício em explosão. 2015. Monografia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://seuacervo.com/trabalho/47/projeto-de-um-edificio-em-explosao/>. Acesso em: 04 maio 2018

MERLI, Giovanna Augusto. Meu quintal é a rua: transformação da vizinhança do centro. 2012. 64 f. Monografia (Especialização) - Curso de Faculdade de Arquitetura Urbanismo e Design, Universidade de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

ARTIGOS

ANDRADE, Livia Marina de; FONSECA, Maria de Lourdes Pereira. A transformação no uso dos espaços públicos em Uberlândia. Horizonte Científico, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 1-29, dez. 2008. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/download/4111/3060

MOURA, Gerusa Gonçalves; SOARES, Beatriz Ribeiro. A periferia de Uberlândia: da sua origem até sua expansão nos anos 1990. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 10, n. 32, p.22-40, dez. 2009. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/16156/9095. Acesso em: 04 mar. 2018.

PAIVA, Kaue. Hipóteses sobre a produção do espaço urbano em pequenas cidades do eixo rodoferroviário da Alta Mogiana - Triângulo Mineiro. In: CONFERÊNCIA DO PNUM: MORFOLOGIA URBANA E OS DESAFIOS DA URBANIDADE, 4., 2015, Brasília. Artigo. Brasília: Pnum, 2015. p. 1 - 20. Disponível em: pnum.fe.up.pt/pt/index.php/download_file/view/261/. Acesso em: 02 abr. 2018.

VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. Cotidiano selvagem: Arquitetura na Internationale Situationniste. São Paulo: Arqtextos. Ano 3. Ago 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.027/758>. Acesso em: 04 maio 2018.

APOSTILAS

FONSECA, M. L. P. Tópicos especiais de arquitetura e urbanismo: Teorias de análise da forma urbana. Uberlândia: UFU, s/data. p.47 Apostila

Trabalho desenvolvido na disciplina de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente, orientado pela professora doutora Maria Eliza Guerra: O bairro Martins pela Avenida Vasconcelos Costa.

LEGISLAÇÃO FEDERAL

BRASIL. Constituição, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

WEB

IBGE, Sinopse por setores: censo IBGE, 2010. <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel-st>